O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — QUARTA-FEIRA 28 DE JUNHO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:275

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Eleições.—Os correios em Portugal.—José Estevão de Moraes Sarmento.—A quem compete.—O crime do padre Maio.—Noticiario.—Folhetim: Os Crentes.—Carta.—Syndicancia.—Regulamento do hospital da Misericordia de Aveiro.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

ELEIÇÕES

Contra tudo o que era para esperar, o simulacro de eleição a que se procedeu agora em Villa do Conde *deu o vencimento* ao candidato regenerador, sr. Vieira d'Andrade.

A esta hora, porém, está já o paiz inteirado da fórma carnavalesca e tumultuaria por que se procedeu alli ao acto; e, por que ao sr. ministro do reino, como a varios membros do parlamento, teem sido enviadas communicações repetidas queixando-se do procedimento atrabiliario da auctoridade, que praticou toda a casta de delictos para levar de vencida os protestos do povo, a quem não permittiu o direito do voto e sobre quem mandou carregar a soldadesca desenfreada, esperamos que se tomem as providencias necessarias a fim de se castigarem os delinquentes, porque nos não resta duvida de que o acto está insanavelmente nullo e de que, portanto, tem de fazer-se nova eleição.

Mantida então a toda a altura a liberdade do suffragio, o partido progressista terá certa a victoria do seu candidato, como a teria agora se a independencia de voto fosse respeitada como devia ser, e se a auctoridade administrativa local prezasse um pouco mais a dignidade e o bom nome do seu cargo.

Consta que o sr. conselheiro João Franco vae mandar syndicar dos altos feitos alli praticados pelos seus subordinados, desagravando por esta forma a opinião offendida, e reparando o mal feito.

Oxalá que sua ex.ª assim tenha comprehendido os seus deveres de governo, no que prestará um serviço á justiça e dará um salutar exemplo, muito para louvar.

Os correios em Portugal

A' administração d'este jornal foi enviado, em 8 do corrente, um escripto subordinado a este mesmo titulo, que nenhum dos nossos collegas de trabalho viu, e que d'alli passou, sem que podessemos até agora averiguar como, ás nossas officinas typographicas, onde foi composto e inserto, entre outras peças, no *Campeão* de 10.

A ideia do seu auctor foi, cremos, pedir a sua publicação como communicado; mas, porque não ia assignado sequer por uma inicial estranha á redacção, entendeu-se na typographia que se lhe devia dar o logar em que saiu.

Não passou desapercebida a incorrecção e a violencia da phrase ao empregado encarregado da revisão, e tanto que lhe accrescentou as referencias ao dignissimo Director Geral dos correios e telegraphos em Portugal, e aos empregados do correio d'esta cidade, que são, na verdade, exemplares no cumprimento dos deveres do seu cargo. Mas, porque elle não conhecia tambem a proveniencia do arrazoado, não preveniu d'aquella publicação nenhum dos cavalheiros que, na curta ausencia do director principal do *Campeão*, ficaram encarregados da direcção d'aquelle e do n.º anterior, qualquer dos quaes teria, decerto, negado publicação a semelhante escripto.

Como era de prever, tal publicação foi magoar susceptibilidades, e muito principalmente um cavalheiro que nos distingue com a sua para nós honrosissima estima, por quem temos uma profunda veneração, e que, occupando na suprema direcção dos serviços dos correios e telegraphos portuguezes um logar que jámais foi excedido ou sequer egualado em rectidão, em zelo, em actividade e distincção, tem, como funccionario, como magistrado e como homem de bem, um dos nomes mais respeitaveis e mais venerandos que conhecemos n'este paiz.

Referimo-nos ao nosso illustre e respeitavel amigo, sr. conselheiro Guilhermino de Barros, que, no escrupuloso desempenho das suas vastissimas funcções, tantas e tão repetidas vezes se tem salientado, affirmando, sempre e inalteravelmente, a honradez inquebrantavel do seu caracter nobre e generoso, a grandeza dos seus principios cavalheirosos até ao extremo, a elevação da sua grande intelligencia e vasta erudição, predicados que tão notavelmente se revelam nos traços serenos da sua physionomia insinuante e sympathica, atrahente e veneravel, e que fizeram do homem um cidadão distincto e prestante; do funccionario um trabalhador sincero e apaixonado; e do magistrado um justo, um são e um forte, na mais alta e na mais significativa expressão da palavra.

O escripto em questão, que só vimos depois de publicado, queixava-se de irregularidades no serviço do pessoal menor. Mas podemos garantir que da Direcção Geral teem sido dadas as mais severas instrucções no sentido de terminar de vez com todas essas irregularidades. Se continua, aqui ou acolá, a cumprir-se menos convenientemente as ordens superiores, áquella instancia é que resta a consciencia e a firme convicção de que procura por todos os meios possiveis remediar o mal. E não é justo imaginar-se o contrario.

Dito isto, fica tambem explicada a razão d'aquella publicação, que por principio nenhum admittiriamos, se a tivessemos visto, nem mesmo como communicado.

E porque toda a gente, tanto aqui como fóra, sabe bem quem actualmente dirige o *Campeão*, e muitas vezes considerações ponderantes nos forçam a publicar escriptos que não são da Redacção, mas de que ella não quer nem póde assumir a responsabilidade, de hoje em diante nada mais será publicado sem que vá assignado pelo seu auctor, ou pelo menos firmado por uma inicial ou por outro qualquer signal, que nos exclua da sua paternidade.

*

Já depois de escripto e composto o que acaba de lêr-se, recebemos a seguinte carta do sr. conselheiro Guilhermino de Barros, que, com prazer, aqui publicamos:

Sr. redactor do *Campeão das Provincias*:—Sob a epigraphe *Os correios em Portugal*, publica v. em o n.º 4270 do seu conceituado jornal um artigo, que li com aquella attenção que as producções da sua illustrada penna sempre me merecem.

No artigo alludido é vivamente accusada a corporação telegrapho-postal, na qual, por ser numerosissima, póde haver, de vez em quando, um ou outro membro menos cumpridor das suas obrigações, ou ainda menos respeitador da propria dignidade. Forçoso é confessal-o, mas o que tambem é mister pôr em relevo, se é que v. o ignora, é que esta Direcção não afrouxará nunca na applicação dos castigos devidos aos funccionarios desleixados, ou prevaricadores.

E tanto, que n'um dos ultimos annos foram applicados os seguintes:

Demittidos—332,—suspensos, —117,—reprehendidos, admoestados ou advertidos, —640,—multados, 187.

O *Diario do Governo* insere a cada passo as diversas penalidades soffridas pelos empregados, que esta Direcção procura por todos os modos moralisar e manter em o nivel necessario para que desfructem plena confiança do publico.

Este, porém, infelizmente, nem sempre é justo e verdadeiro nas suas queixas contra o correio. Um exemplo, colhido d'entre muitos:

Um individuo de Aveiro, convencido de que accusara falsamente o correio de haver violado uma sua carta, *que dizia conter certo valor em notas*, entregou por fim estas, (que estão juntas ao processo respectivo), e ficou provada a sua intenção de defraudar o destinatario da carta, lançando ao correio a nodoa da subtracção!

Devo ainda informar a v. de que *só no correio de Lisboa* entram diariamente, em media, 70 a 80 bilhetes postaes *sem endereço de nenhuma especee*. Na secção dos refugos amontôam-se correspondencias de todas as classes *em eguaes circumstancias*.

O numero de cartas que todos os annos deixam de ser entregues, por absoluta impossibilidade, ascende a mais de 150:000! Em muitas d'estas são encontrados valores de diversas especies.

Pelos algarismos indicados, bem póde v. calcular quantas queixas infundadas não actuam sobre a instituição postal!

De resto, esta Direcção não occulta a v. o vivo empenho, que tem sempre, de demonstrar quanto préza o bom nome da classe em que superintende e quanto se esforça para que esse nome se mantenha illeso.

Queira, pois, v. dar mais amplitude á sua queixa, isto é, precisar as localidades em que se dão os casos constantes do seu artigo, os nomes e residencias dos lezados e todos os mais esclarecimentos, *esclarecimentos* que v. bem entenda necessarios para o apuramento das responsabilidades dos empregados incriminados.

Direcção Geral, 26 de junho de 1893.

O Director Geral,

GUILHERMINO AUGUSTO DE BARROS.

No que deixamos dito acima, cremos ter dado a completa e devida satisfação ao illustre signatario d'esta carta.

Suppor o contrario do que n'ella se lê, quanto ás instrucções dimanadas d'aquella Direcção Geral, para a mais conscienciosa regularidade dos serviços postaes, seria uma gravissima injustiça, que não podiamos nem saberiamos fazer.

E, demonstrado, como fica, que a queixa não partio da Redacção d'este jornal, que profundamente lamenta o estranho caso de tal publicação, decerto o sr. conselheiro Guilhermino de Barros acceita como sincera a nossa satisfação, porque realmente o é, e como nunca o fizémos para ninguem mais.

José Estevam de Moraes Sarmento

Estamos em dizer, e com intima satisfação, que o illustre e brioso militar está *na moda*. Todos os dias a imprensa, a começar pelos primeiros e mais importantes jornaes do paiz, consagra ao seu nome, que é hoje lustre do exercito portuguez, as mais honrosas demonstrações de respeito, de sympathia e de admiração pelo seu valor.

Não seremos tambem nós quem falte, com o modesto tributo das nossas mais sinceras homenagens, ao indeclinavel e gratissimo dever do preito consagrado a quem tão alevantadamente o soube conquistar.

O novo coronel, porque o vae ser dentro de poucos dias, não é só um vulto proeminente do exercito; é-o tambem do seu paiz, ao serviço do qual tem posto todos os muitos e valiosos recursos da sua intelligencia, da sua energia, dos seus vastos conhecimentos e da sua infatigavel e poderosa força de vontade.

Filho e sobrinho de heroes e de martyres, valente de animo e de coragem, robusto de intelligencia e de saber, energico de espirito e de convicção, magnanimo de coração e de bondade, forte de honradez e de lealdade, cheio de fé e de civismo, Moraes Sarmento é uma distincção no nosso meio social.

Com a publicação do seu retrato, o *Seculo* de domingo ultimo escreve o seguinte, depois de fallar sobre o palacio da justiça militar, que o prestigioso official elevou á sumptuosa altura em que se encontra:

Propositadamente deixamos para o fim a referencia que premeditamos fazer ao primeiro e mais notavel promotor de justiça militar que exerceu as suas funcções no palacio do Campo de Santa Clara.

Referimo-nos ao sr. tenente-coronel do estado maior de infanteria, o sr. José Estevão de Moraes Sarmento, cujo retrato damos, prestando assim inteira e convicta homenagem ao talento brilhante, á bondade natural e ao espirito liberal nunca desmentido do homem que é uma das notaveis e proeminentes figuras do nosso exercito, apezar de nunca se ter imposto pela vaidade ou pelo pedantismo, antes affirmando-se, sem duvida, pelo muito que vale e só por isso. E' de uma modestia que encanta.

Nos nossos tribunaes militares nunca appareceu official que se revelasse tão conhecedor da legislação criminal e que ao mesmo tempo tão bem soubesse comprehender a sua missão de promotor de justiça.

São muitos e todos notaveis os discursos que tem feito nos conselhos de guerra; mas a todos sobrelevam sem duvida os que produziu, como promotor, no julgamento de Marinho da Cruz; e como defensor, no dos accusados da revolta do Porto, perante o tribunal superior. No primeiro revelou-se um erudito, um estudioso como poucos, orientando-se, baseando-se em principios de sciencia, por fórma que, muitas vezes o temos dito, aquelle julgamento foi principalmente uma brilhante sabatina scientifica entre o illustre official e o sr. Thomaz Ribeiro; no segundo o brioso militar não esqueceu as tradições honradas da familia liberal, perseguida pelas suas crenças, de que descende, e affirmou que as conserva como um culto, como uma religião, que é tão sincera como é leal o seu peito.

S. ex.ª não está no nosso campo politico, mas essa razão não nos impede nem nos intimida para lhe prestarmos esta homenagem bem sentida.

O sr. José Estevão de Moraes Sarmento assentou praça em 24 de agosto de 1851, matriculando-se no curso de infanteria da Escola do Exercito, que logo concluiu, sendo promovido a alferes graduado em 8 de julho de 1862, indo frequentar a Escola Polytechnica, onde tambem obteve approvação em quasi todo o curso geral das armas especiaes.

Convidado pelo general Palmeirim para ir exercer as funcções de secretario do collegio militar, e porque não queria deixar a arma em que se alistara, ainda quando terminasse o curso de qualquer das armas scientificas, como fizeram tambem outros condiscipulos seus, acceitou aquelle logar, onde se conservou, servindo com diversos directores até que foi nomeado adjuncto ao ministerio da guerra. Foi promovido a capitão em 18 de agosto de 1875, e nomeado promotor de justiça no 2.º conselho de guerra permanente da 1.ª divisão militar, em cuja qualidade quasi se póde affirmar haver sido quem montou o serviço da justiça militar em Lisboa.

A' sua persistencia e esforços se devem muitos melhoramentos e designadamente o serviço das carruagens celluiares.

Quando, em 1883, o sr. Hintze Ribeiro deu organisação militar ás guardas fiscaes e instituiu uma repartição militar no ministerio da fazenda, convidou o sr. Moraes Sarmento a ir dirigir aquella importante transformação. Acompanhado unicamente de um official e amigo, o capitão Alves Leitão, que é tambem um trabalhador emerito, foi pela sua iniciativa e direcção que aquella transformação se realisou, conseguindo vencer pelo seu bom senso, tacto e tenacidade de caracter as numerosas difficuldades com que teve a luctar e que por vezes tiveram em perigo a sua vida.

Todos se recordam ainda da violenta reacção desenvolvida entre os antigos guardas da alfandega contra os alistamentos militares.

Afinal, a idéa do ministro terminou por vencer, graças ao executor que elle escolhera.

E' dos raros exemplos que nos nossos dias se teem dado da persistencia do governo em executar uma reforma vivamente combatida pelos interesses feridos, tendo n'este facto Moraes Sarmento uma parte summamente honrosa.

Quando o sr. Hintze Ribeiro deixou o ministerio, Moraes Sarmento pediu tambem a exoneração do logar que exercia no ministerio da fazenda, não bastando todas as instancias do sr. Marianno de Carvalho e do proprio sr. Hintze Ribeiro para o demoverem da sua inabalavel resolução.

São muitos os louvores que officialmente lhe teem sido dados pelo bom desempenho de differentes commissões de serviço.

Ao illustre e por todos os titulos sympathico official foi conferido, em 8 de janeiro de 1880 o grau de cavalleiro da Torre e Espada, pelos seus merecimentos e serviços.

Possue tambem o habito de Aviz, as medalhas de prata de comportamento exemplar e medalha militar de ouro da classe de bons serviços, e é commendador da ordem militar de S. Bento d'Aviz.

Moraes Sarmento, na legislatura passada, era deputado pelo circulo de Beja e actualmente é por Mertola. Como jornalista, a sua biographia é esta:

Entrou para a redacção da «Revolução de Setembro» em 1863 ou 1864, na qual se conservou durante largos annos.

A assembléa geral da empreza da «Revista Militar», quasi exclusivamente composta de generaes, nomeou-o, em 1878, director d'aquelle jornal, logar que desde então tem ininterruptamente exercido, debatendo ahi as mais importantes questões militares e ganhando pela fórma como o tem feito o conceito em que é tido pelo exercito. Por isso é dos raros officiaes de quem o exercito sabe o que elle quer e ao que mira. A summula das ideas que persistentemente tem defendido na imprensa póde indicar-se no seguinte mote, que tem sido tomado repetidas vezes para epigraphe dos seus escriptos:

«O exercito deve ser a escola da moralidade e da obediencia.»

Em differentes jornaes diarios, especialmente no «Diario de Noticias», tem collaborado effectivamente, tornando-se notaveis uma larga serie de «Revistas Militares» publicadas n'este ultimo jornal.

Tem escripto as seguintes obras:

Offensas corporaes contra superiores; A formatura fundamental na cavallaria; Legislação penal militar; Constituição dos tribunaes militares e respectiva fórma de processo; Da responsabilidade criminal de alienados e especialmente dos epilepticos; O real collegio militar; Revolta e rebellião; Portugal e a neutralidade defensiva da Hespanha; As escolas regimentaes em Portugal.

Ha pouco tempo, em attenção aos seus conhecimentos juridicos, foi eleito socio do «Instituto» de Coimbra, sob parecer da douta secção de direito d'aquelle instituto.

O sr. Moraes Sarmento é tambem um exemplar chefe de familia, e a seus filhos tem procurado dar uma educação aprimorada, a par dos seus exemplos brilhantes e levaltados. Um dos filhos, José Evaristo, estuda o 4.º anno de medicina na escola de Lisboa, e outro, Julio Ernesto, é 1.º sargento aspirante de cavallaria 2 e frequenta a Escola Polytechnica.

Isto não é uma biographia, repetimos, é apenas uma homenagem ao homem a quem a jurisprudencia militar mais deve, e cujo retrato era bem cabido n'este artigo, especialmente consignado ao palacio de justiça militar. Que a modestia reconhecida de s. ex.ª nos perdoe!

Faz gosto ver fallar assim d'um homem que tudo deve a si e ao seu trabalho, e de quem ha muito ainda a esperar.

Transcrevendo o que sobre elle diz aquelle nosso considerado collega lisbonense, prestamos tambem ao valoroso militar o nosso testimunho de verdadeira estima e consideração.

A quem compete

Chamamos a attenção da auctoridade superior do districto e mais especialmente a dos srs. administradores dos concelhos d'Aveiro, de Vagos e de Oliveira do Bairro, para o abuso que se está praticando em alguns logares dos referidos concelhos.

As mercearias e as tabernas estão vendendo medicamentos, estão-os vendendo e estão-os applicando até, a seu arbitrio, sem que até agora se ponha cobro a tão inconveniente pratica.

Por esses logares fóra encontram-se curandeiros que para tudo se consideram habilitados, e como a ignorancia popular é muito geral entre nós, quem, a proposito das doenças que cada um soffre, lhes podér dizer qualquer cousa que os não contrarie, e que lhe lisongeie a esperança de cura, o individuo que souber apresentar-se n'estas condições é um medico feito e o parecer d'este sabio é positivamente acceite.

Mas isto não póde continuar assim, e á auctoridade superior do districto e especialmente aos srs. administradores de concelho cumpre providenciar para que o abuso cesse.

Ha por ahi pessoas que por caridade, mas sob as indicações de facultativo, tratam as pessoas que as procuram, ouvindo antes os homens da sciencia. Para estes, porque prestam bom serviço humanitario, queremos toda a indulgencia e até louvor se é possivel. Para os que, sem nenhumas noções do que seja medicina ou cirurgia, se atrevem a curar, não podemos deixar de pedir o rigor da lei.

Para os que curam e para os que vendem medicamentos, deve a auctoridade applicar as suas attenções. Isso não póde ser, porque d'ahi podem por vir males irreparaveis. N'este sentido ha por ahi abusos condemnaveis.

Ha dias deu-se na Palhaça um facto grave. Um lavrador de perto d'alli queixou-se ao facultativo da localidade, e este disse-lhe que lhe parecia que o que tinha eram sezões, que o veria no dia immediato. O homem era pertinaz e lembrou ao medico a sangria. Este repetiu-lhe o que já lhe havia dito—que esperasse. Não lhe soffreu o animo, não acceitou a opinião do facultativo e mandando chamar um curandeiro, que alli ha, sangrou-se. O resultado foi recahir e peorar. E como isto ha muito por ahi fóra. E' preciso, pois, pôr cobro em semelhantes dislates, e conseguir-se-ha isso desde que a auctoridade queira cumprir o seu dever.

Consta-nos que em Ouca, na Azurveira, em Oyã, em Malhapão, em Aguas Boas e na Palhaça ha locandas onde se vendem medicamentos, chegando-se até a aviar o pedido de pillulas de sulfato. Impossivel tudo isto.

A' auctoridade concelhia cumpre fazer a investigação d'estes factos e providenciar de forma que elles não continuem a dar-se.

Ordens para que as investigações se façam, e para que todos cumpram o seu dever, cremos que o sr. governador civil se não negará a dal-as e que mesmo as terá já dado. Assim o esperamos confiadamente.

O crime do padre Maio

D'Albergaria acabamos de receber o seguinte telegramma:

Pelo juizo d'esta comarca acabam de ser julgados sem culpa, no processo do assassinato do padre Maio, Antonio Farella e Luiz Simões da Silva.

Foram pronunciados Serrano, mulher e José Estudante, todos sob ferros.

Y.

Realisou-se o que sempre suppozémos. Nunca houve motivo para suppor—para suppor sequer—que os dois individuos que acabam de ser postos em liberdade tivessem a menor culpabilidade no assassinato praticado.

A justiça d'Albergaria, confiada, no momento actual, a magistrados rectissimos, para quem a justiça é tudo, pois que só a ella sacrificam, procedeu, na questão subjeita, como havia razão para esperar. Louvor lhe seja.

Honra-se assim o sacerdocio de que são distinctissimos membros.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Esteve bastante incommodado no Porto o sr. commendador Luiz Ferreira Brandão, chegando a dar cuidado a sua extremosa esposa, a seu honrado pae e aos seus muitos amigos, que os tem sinceros e devotados. Felizmente regressou já á sua casa completamente restabelecido.

— Tambem esteve incommodado na sua casa de Cabanões o sr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, muito digno presidente da camara de Ovar. Que se restabeleça breve, é o que muito desejamos.

— Regressou de S. Pedro do Sul a Agueda o sr. João Dias Cura, honrado pae dos srs. dr. Eliziario Dias Cura, e do intrepido commandante do *Rei de Portugal*.

— Acha-se doente em Coimbra o nosso muito prezado amigo, sr. Augusto José Gonçalves Fino, official do correio, presidente da Associação dos Artistas e Bombeiros Voluntarios d'aquella cidade. Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

— Esteve aqui ha dias o nosso amigo e importante proprietario de Sepins, sr. Manuel Lopes Valente.

— Regressou das caldas de S. Pedro do Sul ao seu solar, o nosso estimadissimo amigo, sr. visconde dos Lagos, seguindo logo para Lisboa, de onde partirá para Vizeu.

— No dia 26 fez annos a ex.ma sr.ª D. Maria Guilhermina Fernandes Milicio, uma das mais respeitaveis senhoras da sociedade aveirense. Os nossos parabens. A' noite reuniu em sua casa alguma das familias das suas relações, passando-se alli algumas horas em alegre convivio. Houve um profuzo e mimoso serviço e fizeram-se animados e sinceros brindes, saindo todos os convidados muito satisfeitos.

— Esteve n'esta cidade e retirou hontem para a sua casa da Moita o sr. Justiniano Ribeiro de Carvalho, proprietario e um dos mais estimaveis cavalheiros do concelho de Anadia.

— Partiu no dia 26, para a Republica do Brazil, o sr. Martins, cunhado do nosso amigo o sr. Guilherme Augusto Taveira. Muitos amigos o foram acompanhar á estação d'esta cidade.

— Está ha dias em Aveiro, retirando ámanhã para o Porto, uma filha de Augusto Pinto dos Reis Canedo, empregado dignissimo que foi na typographia d'este jornal, e a quem a morte arrebatou bem cedo á familia, de que era chefe e amparo modelo, e aos amigos, a quem era em extremo dedicado.

Arcebispo de Mitylene.—Teem dito alguns periodicos, e nós dissémos tambem, que o sr. Arcebispo de Mitylene passava mal. Melhor informados, podemos affiançar que o illustre prelado está de perfeita saude, noticia que damos com prazer aos muitos amigos de sua ex.ª revd.ma.

Herculano Sarmento.—Está doente, em Lisboa, este nosso muito presado amigo e distincto collega do *Universal*. Fazemos ardentes votos pelo restabelecimento completo do illustrado enfermo, que é um bello moço e um habil escriptor.

Exames.—Fez ante-hontem um brilhante exame de introducção no lyceu nacional de Lisboa, o estudioso e intelligente alumno d'aquella casa de instrucção, sr. José Maria de Vilhena e Magalhães, prezado filho do nosso querido amigo, distincto collega e illustre deputado da nação, sr. dr. Barbosa de Magalhães. Muitas e sinceras felicitações a todos os seus.

— Tambem fez na quinta-feira exame de pathologia interna, na escola medico-cirurgica de Lisboa, o nosso intelligente e estudioso amigo, sr. José Evaristo de Moraes Sarmento, filho do illustre deputado e erudito escriptor militar, sr. José Estevão de Moraes Sarmento, sendo approvado com louvor. Os nossos parabens ao brioso estudante, e a seus extremosos paes e avós.

— Obteve bom resultado no exame de francez que fez aqui ha dias, a menina Paulina Sereno, filha do nosso amigo sr. José da Silva Sereno, digno secretario da administração d'Anadia. A seus extremosos paes enviamos os nossos sinceros parabens.

— Obtiveram tambem, alem da plena aprovação, uma honrosa menção da parte do jury nos exames de Historia, os discipulos do nosso sympatico amigo e collega da *Soberania do Povo*, sr. Julio da Conceição. Felicitamos o illustrado professor, e os discipulos premiados.

— Fez tambem ha dias um bom exame de portuguez, no lyceu d'Aveiro, o sr. João Augusto Regalla, filho do nosso prestavel amigo e illustrado medico da real camara, sr. dr. Luiz Regalla. Muitos parabens.

A tourada no Campo Pequeno.—Alguns jornaes de Lisboa trazem minuciosamente descripta a garraiada promovida por um grupo de senhoras da primeira sociedade d'alli, e sob a protecção de S. M. a sr.ª D. Amelia, tecendo louvores aos habeis amadores nossos amigos, srs. Mario Duarte e Felix Saraiva, que, como era de esperar, e apesar do gado ser ordinario, mais uma vez fizeram realçar os seus meritos e aptidões tauromachicas.

Felix Saraiva foi premiado com um bello ramo de flôres artificiaes pela sr.ª condessa de Anadia, e Mario Duarte com outro da sr.ª condessa da Ribeira. Folgamos com as distincções de que foram alvo estes bons rapazes, e felicitamol-os cordealmente.

Posse.—Na segunda-feira tomou posse do logar de escrivão de fazenda do concelho de Anadia o sr. Hermano José Ferreira da Costa, partindo em seguida para alli. Temos as melhores informações a seu respeito, sendo funccionario muito considerado no districto de Braga, d'onde vem.

S. João.—O popular santo, o precursor do Messias, tão cantado pelos poetas e tão amado das donzellas, não deixou de ser festejado em Aveiro. Por diversos pontos da cidade havia fogueiras e descantes.

No templo da sua invocação, no Rocio, houve festa a grande instrumental, promovida por alguns devotos. O templo achava-se ornamentado com muita simplicidade, mas com muita decencia. Na vespera houve no largo do Rocio fogueiras, algum fogo e a phylarmonica *Amizade* alli tocou variadas peças, que lhe mereceram muitos justos louvores. Não menores os mereceu a phylarmonica *Aveirense*, que, na Rua do Espirito Santo, executou peças não menos variadas e de egual merito. A rua estava primorosamente ornamentada com bandeiras, galhardetes, festões de murta, tropheus, plantas e outros ornatos. No largo, ao fim da rua, estava uma linda cascata, e sobre um monte a imagem do grande Baptista. A cascata, a fonte, (que do sitio toma o nome) e toda a rua estavam illuminadas com balões venezianos e com lamparinas, formadas de laranjas, o que ha muito se não usava entre nós.

Tambem se achava brilhantemente illuminada a varanda (que é lindissima) do nosso sympathico amigo o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, intelligente conservador do registro d'esta comarca.

No dia 24 houve alli de tarde musica e outras distracções e á noite tambem tocou a phylarmonica *Amizade* no largo do Rocio. A mesma phylarmonica tocou variadas peças na Rua do Espirito Santo na noite de 25, havendo tambem illuminação, tudo a expensas de alguns devotos, que entenderam, e muito bem, que o S. João é digno de ter seu oitavario solemne.

N'este mesmo dia teve logar em Verdemilho, povoação proxima d'esta cidade, a festividade de S. João Baptista, uma das melhores, que se costumam fazer n'estes contornos. Tocou a phylarmonica *Aveirense*. No dia 24 á noite tambem alli houve musica, illuminação e fogo e não faltou o costumado e engraçadissimo entremez.

S. Pedro.—A'manhã terá logar na egreja de Nossa Senhora da Gloria a festividade em honra do Principe dos Apostolos. E' a expensas da irmandade dos clerigos d'aqui.

Emquanto Aveiro foi capital de bispado, costumava esta festividade ser muito assistida da classe ecclesiastica. Hoje é assistida por muito poucos clerigos e tem havido annos, em que tem sido mister recorrer a alguns de fóra da cidade para tomarem parte na festa e formarem o côro.

— Em Taboeira tambem haverá a costumada festa de S. Pedro. De manhã haverá a festa dentro do templo, que terminará com a procissão. De tarde haverá muzica e arraial.

— Alguns individuos, devotos do Santo, que nos ha-de abrir as portas do Céo, tencionam arranjar uma bonita illuminação na rua de José Estevam, e n'uma improvisada capella, expôr á veneração dos fieis a imagem do mesmo Santo. Tocará alli uma ou ambas as philarmonicas da cidade e haverá outras distracções. Nada d'isto, porém, pode ter logar sonão no proximo domingo á noute. Motivos ponderosos obrigaram os festeiros a esta transferencia.

Reuniões.—Como dizemos n'outra parte, houve festejos ao S. João na rua do Espirito Santo, nas noites de 23 e 25 do corrente. N'essas duas noites o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães recebeu algumas familias da sua amizade, que das janellas do seu palacete, situado na mesma rua, quizeram gosar dos festejos. Alli lhes foi servido, em ambas as noutes, chá, acompanhado de mimoso e abundante doce da nossa terra e os estimaveis donos da casa proporcionaram áquellas familias as distracções e commodos de que podiam dispôr, pelo que todos se retiraram agradavelmente impressionados pelas delicadas maneiras do sr. dr. Antonio Carlos e de sua ex.ma espoza, e não menos agradavelmente impressionados pelas sympathias, que inspiram seus filhos, creanças meigas e que revelam muita intelligencia e uma educação esmerada.

Festejos de S. João em Anadia.—Os festejos em honra do santo Percursor correram este anno muito animados na villa d'Anadia. A rua principal até ao largo municipal foi brilhantemente illuminada a balões venezianos e a pequenas lanternas de papel; a illuminação disposta de modo verdadeiramente original produziu um effeito deslumbrante não só pelo enorme conjuncto de luzes mas tambem pela numerosa variedade de cores que se destacavam no espaço abrangido pela rua.

O largo a que acima nos referimos achava-se vistosamente adornado. Ao centro erguia-se um magestoso e bem feito pavilhão coberto com verdura, tendo aos lados uma admiravel cascata com respectiva gruta e o coreto para a musica d'aquella villa, a qual durante a noite executou alguns trechos do seu reportorio. A illuminação do pavilhão foi feita por balões e por um lindo lustre collocado ao centro, e a do jardim e cascata, por tijelinhas.

As danças populares estiveram na sexta-feira pouco animadas em consequencia da muita affluencia de povo á volta do pavilhão e da má educação de alguns individuos, que levaram a sua teimosia ao ponto de invadirem o recinto das danças, não deixando por isso que as bellas cachopas se divertissem. No sabbado, porem, a animação foi extraordinaria, posto que só se illuminassem o pavilhão e a cascata.

Foi uma festa brilhante, que talvez não seja repetida em Anadia durante muitos annos.

A quem soffre de rupturas.—E' grande o mal que acompanha as pessoas que soffrem de hernias ou rupturas, pois que não andando acauteladas com fundas apropriadas ao mal, de um momento para outro podem deixar de existir. Uma funda menos apropriada ao mal póde até aggraval-o, desenvolvendo-o.

Livra-se d'isso quem procurar fundar-se apropriadamente e para isso não podemos deixar de aconselhar que procurem o estabelecimento do sr. **Antonio Teixeira da Motta**, rua de D. Pedro n.º 87—unico deposito de fundas nacionaes e estrangeiras no Porto.

E' uma das mais antigas casas d'aquella cidade e das mais acreditadas n'este genero. Aconselhamos que a procure quem tiver necessidade de uzar de fundas. Alli encontra-se alem de commodidade nos preços, a melhor boa fé e a mais scientifica applicação da funda apropriada. E porque sabemos isto de sciencia propria, assim o affirmamos. Vide o respectivo annuncio.

O Progresso do Sul.—Entrou no 5.º anno da sua util e sempre honrada existencia, este nosso esclarecido e presado collega do Algarve. Sempre na defeza dos interesses locaes, pugnando com energia não vulgar pela liberdade e pelos progressos do seu paiz, o bem redigido jornal de Faro tem prestado áquella provincia serviços importantes e muito para louvar. Felicitamol-o cordealmente, fazendo ardentes votos porque lhe continue desafogada e cheia de prosperidades a existencia.

«A Grinalda».—Com o titulo que nos serve de epigraphe, começou a publicar-se no Porto, e sob a intelligente direcção do sr. Arthur de Araujo, uma nova revista trimensal, collaborada por escriptores e poetas de merecimento, e impressa em magnifico papel de côr. O n.º 2, que temos presente, vem explendido. Agradecemos a Arthur d'Araujo o exemplar que nos offereceu.

Troca de cedulas.—Até ao fim do mez é que se verifica a troca de cedulas de 100 e 50 réis do antigo typo.

Visitas sanitarias.—Já começaram a fazer-se n'esta cidade as visitas sanitarias.

Ponte d'Angeja.—Realisou-se na segunda-feira, perante a repartição de fazenda d'este districto, a arrematação provisoria dos direitos de portagem da ponte sobre o rio Vouga, entre Angeja e Cacia. O maior lanço offerecido foi de 1:040$000 réis.

Tempo.—Voltou o calor. Incommoda, mas tambem é preciso para as salinas e mesmo para os trabalhos agricolas.

Trabalho no mar.—Parece que não é hoje mar de serviço. Ante-hontem e hontem as pescas foram sardinha, mas em pequena quantidade e por isso o preço do genero subiu para 1$600 réis o milheiro.

Os rios.—Com as ultimas chuvas engrossaram consideravelmente as aguas dos rios Agueda e Vouga, que já voltaram á sua situação normal.

Comicio.—E' effectivamente ámanhã que se realisa no Porto o comicio promovido pelo antigo influente progressista, hoje retirado da politica, sr. Manuel Vieira Borges, contra a elevação d'aquella cidade a terra de primeira classe.

Sellagem dos phosphoros.—Está annunciado, que os vendedores de phosphoros devem sellar as caixas d'elles, que tiverem em seu poder antes de 1 de julho, para evitarem que lhes sejam aprehendidos pela fiscalisação.

Boatos absurdos.—Dois distinctos facultativos de Agueda já publicaram um excellente trabalho para esclarecer o publico ácerca da conveniencia do tratamento dos batataes e vinhas pela *calda bordoleza*, que declararam ser muito mais conveniente do que nociva.

Alcance notavel.—O do recebedor de Guimarães, monta á importante somma de 27:385$000 rs. A caução, que já foi arrecadada pelo governo, era apenas de 14:000$000 em inscripções.

Agencia de Banco.—E' no dia 1 d'agosto que ha de installar-se em Leiria a agencia do Banco de Portugal. Diz um nosso collega d'alli que a escolha do pessoal para o desempenho dos serviços, já está feita.

Posse.—A nova camara de Bragança deve tomar posse na semana proxima, pois que o accordam que lhe deu vencimento foi já publicado no *Diario do Governo*. De mais será dizer que a camara que entra em exercicio é progressista, tendo sido esbulhada do seu direito pela facção que alli preponderou no tempo do ministerio cahido.

Congestão.—O chefe de secção da guarda fiscal em Peniche, Custodio Marques Silva, ao tomar um banho no mar, foi accommettido d'uma congestão e morreu d'ella.

Estrago nas vinhas.—Dizem-nos d'Albergaria, que o estrago das vinhas é alli grande, chegando alguns proprietarios a dar já como perdidos completamente os fructos d'este anno. E' uma calamidade mais a affectar a propriedade.

Noticias d'Oliveira d'Azemeis.—São do *Jornal do Povo*, as seguintes:

Scena de ciumes. — Hoje de manhã dois rapazes d'esta villa, Antonio Girio e Antonio José, o *Lobo*, travaram-se de razões proximo á rua da Farrapa, passando a vias de facto. O primeiro estava armado de pau e o segundo de espingarda, achando-se esta carregada com dois tiros. Depois de receber algumas pancadas, o *Lobo* descarregou o primeiro tiro para as pernas do Girio, e como visse que este continuava a aggredil-o, disparou-lhe á queima roupa o segundo tiro, que lhe acertou no ante-braço esquerdo, fazendo-lhe um grave ferimento. O braço vae ser amputado, mas talvez nem assim resista o infeliz rapaz. Diz-se que motivara esta desordem o ciume por uma rapariga de costumes ligeiros, moradora para os lados do Calvario. O aggressor desappareceu, não sendo, até agora, encontrado pela policia.

Prisão d'um larapio. — Foi preso no concelho de Cambra e remettido ás cadeias d'esta villa, o conhecido larapio Thomaz Fum, do Outeiro, de S. Thiago, d'este concelho, por ter sido encontrado a furtar carne de uma salgadeira. Este desgraçado tem sido preso já varias vezes por egual motivo. O roubo é já n'elle uma doença chronica.

O banho santo. —Conforme o costume, foi hontem muita gente d'estes sitios, principalmente do visinho concelho de Cambra, á praia do Furadouro tomar o tradicional banho santo Como o nosso bom povo é ainda ingenuo e crente!

O S. João em Braga.—D'esta villa e concelho partiu para Braga, a vêr as festas a S. João n'aquella cidade, um crescido numero de forasteiros, e muito maior seria, talvez, esse numero, se não fosse a chuva torrencial, que cahiu ante-hontem e hontem de manhã.

Noticias d'Ovar. — São do *Ovarense* de 25 as seguinte:

A desordem de S. Vicente.—Já foi lançada a pronuncia no processo da desordem de S. Vicente de Pereira. Como o processo se conserva secreto não podemos dar informações precisas. Limitamos-nos a contar o que por ahi *corre*. Não ficou pronunciado individuo algum de Vallega ou d'esta villa por se provar que a aggressão partira dos de S. Vicente e nenhum individuo d'esta freguezia ser ferido de morte. Dos de S. Vicente acham-se pronunciados talvez 14 sem fiança e diz-se que, no numero d'estes, um dos filhos do regedor. Os de Vallega já foram soltos e alguns responderão em processo de policia correcional, pelo crime de usar de armas de fogo sem licença da auctoridade administrativa. Resta agora ver o que fará o jury.

Arrematação — No domingo arrematou-se perante a camara municipal a construcção dos novos paços do concelho, pela importancia de 17:895$000 réis. Foi arrematante o sr. Manuel Joaquim da Silva Valente. Concorreram 47 individuos, constructores e não constructores. A construcção tem de começar dentro do praso de 15 dias, devendo empregar-se cada dia 15 pessoas pelo menos nos trabalhos. O orçamento da obra era de 23:500$000 réis.

Desordem. — Na quinta-feira, na costa do Furadouro, travaram desordens as duas companhas do sr. Manuel José Ferreira Coelho, e sr. Manuel Rodrigues Caetano. De *recachia* as duas companhas *deitaram* os barcos ao mar. Proximo ao *largadoiro* entrou em duvida qual dos barcos da *rede* havia ganho a *recachia*. Começou a lançar a rede a primeira companha ao mesmo tempo que a segunda. D'isto resultou a desordem. Os barcos approximaram uns dos outros, juntando-se os dois da *rede* e os dois da *corda*. Houve bastantes ferimentos e de alguns d'elles já o tribunal tomou conta. Pelo ultimo regulamento da capitania dos portos, os pescadores não só teem de responder perante o tribunal criminal, como tembem perante a capitania. Bom era que terminassem estas rixas nas companhas da costa do Furadouro, para não dar logar a peores consequencias. A costa é sufficientemente larga para o trabalho das companhas. Se os agentes da desordem não forem severamente castigados, teremos durante a safra maiores crimes.

Incendio. — Hoje, domingo, pelas 7 horas e meia da manhã, manifestou-se incendio na casa e cocheira do alquilador Clemente Pinto dos Reis. O predio, pertencente ao sr. Valente, ficou quasi destruido, e se não fôra os promptos soccorros teriam ficado mortas duas creanças e o gado. Ignora-se a causa do incendio. O sr. Clemente e familia estão em Braga.

Noticias vinicolas. — As vinhas da Beira acham-se muito atacadas de *mildiú*, que os proprietarios combatem com o sulphato de cobre. Receia-se que os estragos do phylloxera e do *mildiú* lancem n'uma triste situação os povos d'esta região onde quasi não ha outra fonte de riqueza álem dos vinhos. Diz-se que se pensa em pedir isenção de imposto para as vinhas atacadas, que são muitas.

A modista Laura Almeida.—A conhecida modista da capital, Laura Almeida, mudou os seus grandes atelieres de vestidos e chapeos para o Palacio dos Leões, na Calçada de Sant'Anna, 198, em frente da egreja da Pena (Lisboa).

A modista Lavra Almeida é conhecida não só em todo o paiz, como tambem nas ilhas e colonias e todos os trabalhos sahidos dos seus importantes ateliers recommendam-se pelo excellente acabamento e pela elegancia com que são executados.

Ficam, pois, prevenidas as nossas leitoras, que costumam fazer encommendas áquella importante casa, de que devem dirigir sempre toda a correspondencia a—Laura Almeida, Calçada de Sant'Anna, 198, Lisboa.

Mildew.—Sobre o assumpto diz o *Jornal de Torres Vedras:*

«Queixam-se a maior parte dos viticultores dos grandes estragos feitos pelo *mildew*, principalmente nas freguezias do Ramalhal, Cunhados e S. Pedro da Cadeira. Houve vinhas em que a colheita foi destruida completamente por esta terrivel cryptogamica; n'outras a uva ficou reduzida a metade e a um terço. Isto representa a perda de um enorme capital com que o pobre viticultor lucta pela manutenção da sua vida. Nota-se uma grande melhora nas vinhas tractadas com o sulphato de cobre, mesmo n'aquellas em que o tratamento perdeu um pouco a sua efficacia por ser feito tarde ou mal; e algumas ha, que sendo tractadas no periodo agudo da molestia, ficaram indemnes alguns cachos, e esgalhos, em que se nota ainda a presença do sulphato de cobre. Em geral as vinhas curadas cedo e com todo o cuidado pouco ou nada soffreram. Nos terrenos muito humidos povoados de plantas frageis, basta um pequeno descuido para que o *mildew* se desenvolva e faça perdas importantes; consegue-se salvar uma vinha n'estas condições, tractando-a logo que os pampanos tenham attingido dez centimetros de altura, empregando a solução de sulphato de cobre puro n'uma pulverisação feita de modo que envolva a planta e que a quantidade do liquido pulverisado não seja excessiva para não cahir pelo seu proprio peso para o solo.

Os batataes não teem ido melhor do que as vinhas, e se se notam alguns indemnes, é isso devido ao zeloso cuidado d'alguns ceareiros que nunca descuraram o tratamento cuprico.

O nosso amigo sr. Joaquim Pedro Marques tem no sitio da Conquinha, um batatal explendido, lindo, tractado por este systema que faz um lisongeiro confronto com os batataes das propriedades visinhas de egual terreno e exposição. O anno de 1884 foi assignalado em França pelas grandes invasões do *mildew*, tanto ou mais terriveis que as actuaes no nosso paiz, e isto, longe de aniquilar o animo do viticultor francez lhe deu ensino e coragem para combater este terrivel mal em annos futuros. N'alguns cantões da Suissa tem-se reconhecido tanto as vantagens do tratamento pelos saes de cobre que se tornou por lei, obrigatorio o seu emprego. Não desanimem pois os nossos vinhateiros com a cultura da vinha pelo facto de ser este, um anno excepcionalmente humido; não é provavel que os que seguirem tambem o sejam e logo que haja menos humidade o ataque do *mildew* será por tanto menos intenso. Sigam os nossos vinhateiros o exemplo da França e da Suissa. Parar é morrer.

A pesca do bacalhau. —Communicam da Terra Nova que este anno a pesca do bacalhau tem sido muito mediocre n'aquellas paragens. Desde 1818 que os pescadores não tiveram tão mesquinhos resultados.

Grande desordem na Nazareth: homem morto.—Ha dias travaram-se em desordem varios individuos da Nazareth. Quando a briga estava no seu maior auge chegou José da Justina, que vendo o pae maltratado por Antonio Amaro Fungão, deu n'este algumas facadas sobre o coração, deixando-o morto.

Houve ainda outros ferimentos graves. José da Justina foi entregar-se á justiça, dando já entrada na cadeia d'Alcobaça.

Protesto eloquente. —Querem os leitores saber como os hespanhoes protestam contra o monopolio dos phosphoros, alli estabelecido já ha tempo? Antes de existir em Portugal este vergonhoso monopolio, já existia na visinha Hespanha. Pois nas principaes ruas de Madrid andam uns *chiquillos* com cordão em braza dando lume aos transeuntes para accenderem o cigarro e nas principaes ruas estão em cada lado dois bicos permanentes de gaz para o mesmo fim.

Cá e lá...—O parlamento allemão vae estudar de novo o remedio para uma das grandes chagas da Allemanha, chaga que ulcera a pequena burguezia: a praga de usurarios, que é uma das chagas vivas da nação.

Em 1886 o parlamento consagrou longas e laboriosas sessões ao estudo d'esta questão vital. O problema era difficil de resolver. Era necessario reprimir os juros excessivos sem tocar nas transacções de credito que são o instrumento mais importante da prosperidade do commercio e da industria. Bismark era então chanceller do imperio e fez votar uma lei bastante elastica, que não fixou o juro legal do dinheiro e apenas classificava de usurarios os que procuravam arranjar beneficios superiores aos que são consagrados pelo uso. O juiz no tribunal é que podia discernir sobre o caso.

Mas o que succedeu? Todos fugiam pela malha e ninguem, ou quasi ninguem, era apanhado na rede. Os usurarios demonstravam que não eram culpados, eram absolvidos e continuavam a roubar impunemente. No entanto, essa lei, mesmo imperfeita, bastou para pôr uma solida barreira á decadencia da propriedade predial. Antes de ser votada e decretada, havia annualmente na Prussia 17:000 vendas judiciaes, e em 1892 houve apenas 9:000. Por uma estatistica do dr. Stoeber, vêmos que tem augmentado e quasi triplicado a cifra dos depositos nas caixas economicas e que a somma total da fortuna predial da nação augmentou de 26 p. c. Convém notar que este augmento do numero de contribuintes, gozando de um rendimento annual de 800 a 1:600 marcos, na maior parte operarios. Não obstante os satisfactorios resultados obtidos pela lei de 1880, de Bismarck, o governo pensa reformar esta lei, garantindo aos pequenos proprietarios maiores e mais completas regalias.

As trovoadas.—Segundo os jornaes de Pariz tem-se alli repetido as trovoadas com grande violencia. Uma faisca cahiu nos pavilhões de madeira do hospital provisorio de Aubervilliers, reservado aos doentes contagiosos, e pegou fogo á parte do pavilhão onde estavam alguns variolosos em convalescença. O panico foi indescriptivel, mas o pessoal do hospital fez transportar os doentes para o hospital de Saint-Antoine, fazendo-se essa remoção sem grande inconveniente. Depois d'isto o fogo pôde ser extincto.

Uma catastrophe. — Com respeito á catastrophe na egreja de Borissaglebsk, dão de Moscow os seguintes pormenores: Estavam-se celebrando os officios divinos na egreja e achava se o templo completamente cheio de fieis, quando um louco ou um criminoso gritou:—Fogo! Fogo! O panico que se apoderou de toda a gente foi indescriptivel. Os fieis, em confuso tropel, dirigiram-se para a unica porta do templo, que se fechou com o impulso da multidão, por se abrir para dentro. Quando se pôde restabelelecer a serenidade, estavam esmagadas e mortas cerca de 136 pessoas, havendo além d'isso muitos feridos.

O movimento religioso da Alsacia.—E' curioso o movimento religioso que se observa n'este momento em toda a Alsacia; por toda a parte não se ouvem senão orações, ladainhas, velhas a rezar o rosario, etc. Ha uma effervescencia religiosa que principia a inquietar as auctoridades allemãs, porque todas essas rezas são pela França e pelo papa. As egrejas estão sempre completamente cheias de devotos que oram diante da Virgem, reclamando o triumpho do Rei dos Reis, que é o papa. Não ha rua de Strasburgo onde não haja capellinha armada em quartos andares pobres, pequenos quartos com um oratorio ao fundo, onde apenas cabem 10 a 15 pessoas. E todos lá passam horas inteiras de joelhos orando quasi em extasi e ouvindo as prophecias de Nostra-damus e de outros sabios prophetas da Alsacia. Todas essas prophecias se resumem no seguinte: que o Rei dos Reis (o papa) está sentado n'um throno, tendo uma legião de inimigos á sua direita (que são os judeus) e outra legião de inimigos á sua esquerda (que são os maçons). N'um dado momento o Rei dos Reis vê-se lançado por terra e o seu throno quasi devorado pelas chammas. Mas de repente, quando francmaçons e judeus se preparam para cantar victoria, passa pelos ares um vento de morte e de colera, que, destruindo os inimigos do Rei dos Reis, põe de novo de pé, mais resplandescente do que nunca, o throno do papa.

Em todas as aldeias de Haguenan e Wissembourg as prophecias não se contentam apenas em annunciar a restaurasão do poder temporal do papa, annunciam tambem a victoria da França. Por todas as aldeias se espalham papeis de côres com a descripção do seguinte sonho que os camponezes decoram e recitam de noite á mulher e aos filhos:

«Vi uma Santa Virgem que pairava por cima do mundo para o alcançar; mas, quando todas as vistas se concentravam n'ella, vieram umas nuvens negras e vermelhas que a esconderam dos olhos humanos. O povo gritou afflicto durante muito tempo, até que por fim a Virgem reappareceu brilhante de gloria, tendo n'uma das mãos o sceptro da misericordia para todos.»

Essa Virgem é a França e a egreja.

Os filhos de Luthero venceram-n'a e os filhos da revolução aprisionaram o chefe da Egreja. Os inimigos da França e da Egreja triumpham. Mas o criminoso triumpho dura pouco tempo, porque a Virgem reaparece de novo, a Allemanha e a Italia são vencidas e convertidas.

A Italia convertida? Mas a Italia é catholica.

As auctoridades allemãs crêem que são manejos dos jesuitas: e assim como succedeu após a annexação, em que a Allemanha prohibiu as apparições milagrosas da Alsacia, é de crêr que agora tambem prohiba esses sonhos *ad hoc*.

Entre um leão e um elephante.—Ha dias em Barnley, na Inglaterra, deu-se um singular incidente. Estava ali em exposição uma collecção de feras, e tendo sido deixada aberta a jaula dos leões, um d'estes animaes sahiu e começou a passear pelos corredores e galerias do estabelecimento com grande alvoroço dos guardas. Estes fizeram todos os esforços para que a féra tomasse a direcção da jaula, mas só conseguiram irrital-a. De repente o leão, que era novo ainda, deu um salto e, passando por cima dos guardas, foi cahir sobre a cabeça de um elephante que assistira impassivel áquella scena como um espectador pacifico e desinteressado. O robusto pachiderme, que não gostou do gracejo, sahiu da sua fleugma, enlaçou com a tromba o leão, e arrancou-o da cabeça para o metter debaixo das patas. Alli o manteve até que os guardas ligaram a fera com cordas tornando-o inoffensivo e podendo então leval-a para a jaula sem difficuldade. Intelligencia de elephante!

O escandalo da camara franceza.—Em Pariz o grande assumpto da ordem do dia é o escandalo levantado pelo deputado boulangista Millevoye, accusando Clemenceau de traidor á patria. E' sabido já o tumulto que esta accusação originou na camara e qual o desfecho que obteve. O resultado foi dissipar-se a atmosphera de escandalo que se respirava na camara, e ir a questão para os tribunaes. Um correspondente diz que a opinião publica se mostra indignada contra Millevoye, e que os socialistas, os amigos de Rochefort e alguns boulangistas são os primeiros a verberal-o.

Casamento principesco.—Está fixado o dia 6 de julho proximo para o casamento do duque de York, com a princeza May, a noiva do seu fallecido irmão. O casamento realisa-se na capella real do paço de Saint-James, que é muito pequena e só comporta umas quinhentas pessoas. O enxoval da princeza May é todo feito em Inglaterra e exclusivamente com fazendas, pannos e rendas de manufactura ingleza. Exactamente ao contrario do que succederia se se tratasse do casamento d'uma princeza portugueza: todo o enxoval seria feito com fazendas, pannos e rendas de manufactura que nem sequer cheirasse a nacional *porque isso não seria de bom tom*, nem mesmo depois d'uma licção d'estas. As *demoiselles d'honneur* da noiva serão as princezas Victoria e Maud de Galles, a princeza Victoria de Schlesw Holstetein e duas das filhas do duque de Edimburgo.

Por todo o Reino Unido abrem-se subscripções para com a sua importancia total se comprar uma joia, que será offerecida á noiva como presente de nupcias do paiz. Os magistrados de Glasgow resolveram que fosse feriado o dia do casamento do duque de York e que n'esse dia se désse um jantar a dez mil pobres.

As fortificações allemãs.—Um jornal allemão, apreciando as obras de defeza que se estão construindo na foz do Elba, diz que o novo forte que se vae levantar na villa de Neuwerk, na foz do rio, será artilhado com canhões Krupp de um calibre desconhecido até aqui. Estas gigantescas boccas de fogo terão um comprimento de 14 metros, sendo o peso de cada uma de 122.000 kilogrammas e o dos projéctis de 1.000 kilos. As peças serão construidas de modo que os projéctis poderão alcançar uma distancia de 20:000 metros descrevendo na trajectoria uma parabola de 6,540 metros. Este alcance é o maior que até ao presente se tem obtido.

Encyclica papal.—Depois da visita feita por Guilherme II ao Papa, espalhára-se o boato de que Sua Santidade estava trabalhando em uma encyclica, tendo por thema o desarmamento. Um correspondente de Roma diz, porém, que Leão XIII está preparando uma encyclica de tanta importancia como a da questão social, mas que n'esta encyclica apenas consagrará algumas linhas ao desarmamento geral, deplorando os armamentos a que se entregam as grandes potencias, mas sem intenção de provocar uma corrente da opinião publica n'este sentido.

Os dramas do mar.—O telegrapho annunciou o vapor *Cidade de Hamburgo* abalroára no sabbado ultimo com outro vapor *Countess Evelyn*. O abalroamento deu-se por causa de um denso nevoeiro que não deixava vêr os objectos mesmo a curta distancia. A collisão occoreu perto da ilha Lundy, á entrada do canal de Bristol. O abalroamento foi terrivel. O *Cidade de Hamburgo*, um dos maiores vapores que navegam no Atlantico, cahiu sobre a pôa do *Countess Evelyn*, que em menos de um minuto foi ao fundo. O capitão e contramestre do *Countess Evelyn*, que estavam sobre o convez, saltaram para bordo do outro vapor. Alguns tripulantes conseguiram salvar-se nadando, graças á rapidez com que foram lançados á agua os escaleres do *cidade de Hamburgo*. Outros desgraçados não se mantiveram á superficie do mar o tempo necessario para que fossem salvos. Pereceram afogadas vinte pessoas, das quaes nove eram passageiros.

Entre as victima figuram uma mistress Williams, um filho e uma filha, que tinham embarcado em Bilbáo, e uma outra dama ingleza casada com um hespanhol e dous filhos d'este.

Enxerto de um osso de cão no craneo de um homem.—O dr. Ricard, de Paris, acaba de realisar com exito, esta assombrosa operação. Um seu cliente tinha um tumor maligno no osso frontal direito. *Foi necessario esturpal-o* e fazer a ablação do osso em que o tumor se havia implantado. Mas o cerebro ficava assim a descoberto e em perigo de rotura, e por isso o dr. Ricard lembrou-se de substituir o osso doente que elle tinha extrahido, por um osso vivo tirado d'um cão, e que, transportado com todas as precauções antisepticas sobre a solução de continuidade foi exactamente cortado sobre as bordas do orificio. O osso soldou muito bem e o cerebro da doente ficon protegido definitivamente. Até agora nenhuma tentativa n'este genero dera resultado. O dr. Ricard veiu attesar mais um progresso da cirurgia moderna e da anti-sepsia.

A photographia do duque de Veragua. — Communicam de Chicago que um photographo americano que apresenta uma collecção admiravel de photographias na exposição, conseguiu retratar o duque de Veragua. Quando circulou em Chicago a noticia de que o descendente de Christovão Colombo se photographára, immediatamente o photographo começou a receber centenares de cartas em que se lhe pedem cópias da photographia, tendo feito com ellas um bom negocio.

Um engenho de paz. —Um jornal francez annuncia que M. Turpin, o celebre inventor da *mélinite*, descobriu durante a sua prisão nos carceres d'Etampes, um engenho de guerra tão maravilhoso e tão extraordinario que parece destinado a produzir a paz. M. Turpin, interrogado sobre este assumpto, confirmou o descobrimento, baseado, segundo assevera, em principios novos. Avalia que o seu invento equivalerá, em caso de guerra, a um exercito de quinhentos mil homens. Parece-lhe tão applicavel á defeza maritima como á defeza terrestre.

O inventor da melinite affiança, convencido que um só engenho collocado n'um barco de pesca, limpará a costa ingleza n'um abrir e fechar d'olhos. N'um quarto de hora póde ser carregado quatro vezes. Cada descarga lança 25:000 projecteis a 3:500 metros e mais, radiando em todos os sentidos e cobrindo geometricamente uma superficie de 22:000 metros quadrados.

As fortificações de todos os generos tornam-se inuteis. Em poucas horas são reduzidas a pó. E' necessario accrescentar, segundo o confessa o inventor, que não duvida do successo final que a sua invenção está ainda no periodo theorico. Admittindo que esta idéa não vá juntar-se nas nuvens ao balão electrico d'Edison, que levaria 500 kilogrammas de dynamite e destruiria as cidades inimigas deixando cahir a sua carga na praça principal, admittindo isto, M. Turpin deve obter bom resultado. Com tão phantasticos brinquedos como o futuro engenho de guerra, poder-se-hia desarmar em toda linha. Este engenho destruidor asseguraria para sempre a paz.

O vinho de Champagne. Adégas de 16 kilometros. —Segundo diz um jornal francez as adégas que Moet e Chanden possuem para o vinho de Champagne, occupam 16 kilometros e são em subterraneos a 300 pés abaixo do nivel do Marne. Estão alli accumuladas milhares de garratas de Champagne, montanhas de pipas cheias, toneis grandes como casas; milhares de cestos carregados de vinho sobem e descem sem cessar os tres andares levantados pelas mãos dos homens! Isto representa um capital de 9 a 10 mil contos de réis! Trabalham alli milhares de operarios, parecendo uma pequena cidade, pois não lhe faltam ruas, praças, boulevards, etc., e sempre muito concorridas e animadas, pela muita gente que as frequenta. Encontram-se soberbas placas commemorando a visita de personagens celebres e de soberanos, entre os quaes figura Napoleão I.

Mina de turquezas.— Da Russia annunciam que se descobriu um jazigo de turquezas nos arredores da aldeia de Ibrahim Ogly, a 22 kilometros de Samarcanda. Na Asia central apenas eram conhecidos dous jazigos d'aquellas pedras preciosas, um em Nimepur e o outro em Khodjent.

Concurso de velhos. —Os medicos francezes que dirigem o jornal *La science médicale* tomaram a iniciativa d'um concurso de velhos, que se realisará de 15 a 25 de julho proximo. A idéa dos iniciadores d'este concurso é reunir elementos para estudos biologicos. São admittidos ao concurso nacionaes e estrangeiros, de mais de 90 annos de edade. A commissão promotora do concurso pagar-lhes-ha as despezas da viagem, e a estada em bons hoteis, rodeando-os de todos os cuidados. Ha tres medalhas d'ouro: uma, para o mais velho; outra, para o mais valido; e outra para o mais intelligente. Durante o concurso os velhos estarão agrupados no palacio das Artes liberaes, em varias salas, onde receberão os seus visitantes. A primeira sala será occupada pelos velhos de noventa annos, e assim dando a anno por sua sala, até á sala do rei ou rainha da festa, o mais velho de todos.

A tatuagem em Portugal. — O anguiciso estudo que o sr. Rocha Peixoto ultimamente publicou ácerca da tatuagem em Portugal mereceu uma honrosissima carta de C. Lombroso. Diz o celebre criminalista que esse trabalho é a memoria mais interessante que n'estes ultimos vinte annos se tem publicado em antropologia criminal. A carta diz:

«A ultima tatuagem inscripção que reproduz affigura-se-me sobretudo de uma importancia extrema, pois vem provar como a tatuagem se prende aos tempos mais remotos, em que a escripta era coisa tão extraordinaria para o publico illustrado que assumia o que quer que fosse de sagrado ou de diabolico, origem primordial de muitos amuletos escriptos. Ainda hoje entre os selvagens se dão a comer ao doente uns bocados de papel com um verso do Alkorão».

O petroleo na diphteria. — O *Petit Journal* diz que mr. Frederico Flahaut observou e tratou em Rouen, durante a epidimia de abril de 1891, muitos doentes d'esta molestia, empregando todos os meios ordinarios, os vomitivos, o choreto de potassio, o acido phenico, salicilico, citrico bonico, o sublimado, o perchoreto de ferro, nitrato de prata etc.; e, vendo que não tirava resultado, se lembrára de applicar com um pincel o petroleo levado pela idéia de que os inglezes usavam d'elle como antiseptico; e que viu com surpreza começarem a destacar-se as membranas, e diluindo-se no liquido; que desde esse momento não perdeu mais nenhum doente. Diz mais que este tratamento não tem nenhum inconveniente, sendo só necessario não deixar cair algum pingo para as vias respiratorias.

De resto, tratava do verdadeiro *crowp*, porque muitos dos seus diagnosticos foram confirmados pelo dr. Desbayes, medico que tratava d'esta epidemia, Brilay, chefe do hospital de Rouen e Lerefait, adjunto; e que além d'isso guardára algumas membranas destacadas que fizera analisar pelo celebre Hul, professor da escola de medicina de Rouen, que as examinou no seu laboratorio bacteriologico, verificando a presença de numerosos bacillos de Klebo Lockl. Em molestia tão desastrosa, em que todos os doentes se podem considerar perdidos, parece-nos obrigação moral experimentar muito mais, depois d'estas observações clinicas de Frederico Flahaut.

O jornal mais antigo da Europa. — Uma folha hespanhola revela a seguinte e preciosa descoberta do dr. Nicolau y Perez, que se está occupando de jornalismo. Aos que se persuadem que o jornalismo europeu data do meado do seculo XVII vamos talvez causar uma grande surpreza, dizendo-lhes que, na bibliotheca do Vaticano, em Roma, existe um exemplar da *Acta Popular Romani Diurna*, jornal ou coisa parecida, que data do anno de 168 da nossa era, em que eram imperadores romanos Marco Aurelio e Lucio Vero, e occupava a cadeira pontifical o papa Sotero de Campania. Era uma folha noticiosa como as de hoje e n'ella se encontram entre outras as seguintes noticias:

— Hoje 29 de março, exerceu as funcções governamentaes o consul Livinio.

— Na taberna denominada do Urso, junto á collina de Jano, travou-se uma desordem, ficando gravemente ferido o taberneiro.

— Esteve hoje um dia de violenta tempestade. Um raio que cahiu para o Sul, nas proximidades da collina de Veli, destruiu uma casa, separando-a em varias partes.

126

FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIV PARTE

DRAMA DE FAMILIA

II

QUAL MAIS INFAME

Madame Amenuiser era, como vulgarmente se diz, a alma do *Restaurante dos Tres Meninos Gordos.*

Possuia todos os dotes necessarios para estar collocada detraz d'um mostrador: coração á prova de amabilidades, sorriso tão amavel quanto eterno, affabilidade moderada, e condescendencia dentro dos limites do decoro.

De portas a dentro, reinava egualdade republicana entre os freguezes.

Madame Amenuiser era o Washington do restaurante. Não obstante, este estabelecimento tinha tres quartosinhos reservados, para os casos graves, por exemplo, quando duas *creaturas* precisavam comer sós, sem testimunhas importunas.

Cada um d'estes quartos era fechado por uma porta em que se via pintada uma figura alegorica.

Via-se na primeira o Deus Marte; na segunda Deusa do Silencio, e na terceira, situada na extremidade do corredor, duas grandes pombas com fitas côr de rosa ao pescoço, que pareciam arrulhar-se docemente n'uma frondosa alameda. As iguarias servidas n'este gabinete custavam mais alguns soldos do que os marcados na lista, e serviam-se d'uma vez para não incommodar os freguezes.

Seriam dez horas da noite do mesmo dia em que tiveram logar os ultimos acontecimentos que narrámos.

Madame Amenuiser estava no seu posto, atraz do mostrador, repartindo as dozes das iguarias, fiambres, sobremesas e sorrisos. Collocados n'um ponto visivel da loja achavam-se os tres meninos de cera, sentados em volta d'uma meza opiparamente servida.

Madame Amenuiser viu entrar um sujeito de cabellos brancos, que se sentou a uma das mezas desoccupadas.

Um criado aproximou-se logo.

— Espero uma senhora—disse-lhe Cezar, pois era elle o recemchegado.

O criado voltou para junto do mostrador. Decorreram alguns minutos; abriu-se a porta envidraçada para dar entrada a mais dois personagens.

Um era Lisette, o outro Schauf, mas completamente desfigurado, com um immenso casaco, um chapéo de copa alta, e grosso cache-nez enrolado ao pescoço.

Lisette foi sentar-se á meza de Cesar. Schauf perto d'outra que estava fronteira, e de onde podia observar o menor gesto de Lisette.

O honrado suisso tinha imaginado que, para não causar desconfiança, era conveniente comer alguma coisa, o que não impediria de cearem depois juntos.

Por isso pediu um bife com batatas e um jornal. Lisette, que tinha ido sentar-se ao lado de Cesar, começou assim o dialogo:

— Agradeço-lhe a pontualidade,

— O que toma?—perguntou Cesar apresentando-lhe a lista.

— Tenho pouca vontade.

— Ainda assim, para podermos conversar com mais satisfação, será bom comermos alguma coisa; e melhor ainda estariamos se fossemos para um gabinete reservado.

— Estamos aqui bem; se o senhor soubesse outra lingua que não fosse a franceza... parece-me notar-lhe certa accentuação estrangeira... Sabe italiano?

— Sei hespanhol.

— Perfeitamente: eu tambem arranho o hespanhol; d'este modo não ha perigo de nos entenderem...

— Como lhe aprouver; mas peçamos alguma coisa em francez ao criado, que já começa a olhar-nos com maus olhos.

Lisette leu a lista e escolheu. Cesar mandou servir. Começaram o dialogo em hespanhol e em voz bastante baixa.

— Se bem me lembro, ouvi-lhe dizer no nosso primeiro encontro, que pociamos fazer um bom negocio? — perguntou Cesar.

— E' verdade, um grande negocio, visto ser tratado com um homem capaz de tudo.

Cesar ergueu a cabeça, significando que não era do gosto mais apurado aquella resposta. Lisette sorriu-se e proseguiu d'este modo:

— Peço-lhe que não se sobresalte; tenho coisas mais importantes ainda para lhe dizer, e como os negocios não pódem tratar-se emquanto não houver franqueza entre as duas partes, serei franca, ainda com risco de que a ceia lhe produza indigestão.

Lisette empregava um tom de mofa que nada tinha de tranquilidade para Cesar.

— E' encantadora até nas suas ameaças, e estou vendo que conseguirá dominar-me se continua a fitar-me d'esse modo.

— Eu tambem espero dominal-o, mas não pelo amor.

— Porque meio, então?

— Pelo medo.

— Oh! essa agora!

— Vê aquelle sugeito do *cache-nez* que está comendo, lendo e olhando para nós de vez em quando?

E Lisette indicou o pacifico Schauf.

— Vejo — respondeu Cesar com certo receio.

— Pois é um dos chefes da policia secreta.

Cesar deu um salto na cadeira.

— Não se assuste, sr. Bomdia, porque não me passa pela idéa fazer-lhe soffrer algum desgosto... voltando, porém, á vacca fria: Aquelle sugeito, terrivel agente de policia, dotado com a força de Hercules, e munido de auctorisação para despedaçar o craneo áquelle que faltar ao respeito pela lei, é meu amante. Eu sou a Venus d'aquelle terrivel Marte: elle faz o que eu quero, domino-o; obedece-me cegamente. Bastava um gesto meu para sacar do *casse-tête* e cahir sobre o sr. Bomdia; mas eu, não só não farei tal, se o senhor me servir, como lhe asseguro que será respeitado e ninguem o incommodará.

Cesar, que principiava a perder a serenidade, quiz, não obstante, mostrar que não o assustavam as ameaças de Lisette, e disse:

— Os homens honrados não temem a policia.

— Decerto; mas o homem que falsifica notas do Banco, o que se evade d'um presidio d'Africa, que rouba em Paris a uma senhora quarenta mil francos, o que primeiro se chamou Cesar Torresaltas e depois Isidoro Bombia, se se julgasse homem honrrado, dava provas de nescio.

Cesar deixou cahir o garfo.

As palavras de Lisette tinham-o acabrunhado. Viase-lhe nos olhos o espanto maior que póde imaginar-se.

Entretanto, Lisette, contemplava-o com o sorriso nos labios.

— Já vê, pois, meu amigo, que me bastava uma palavra para lhe fazer saltar ao pescoço um agente de policia; essa palavra, porém, não a pronunciarei, se quizer servir-me.

Cesar estava vencido.

O olhar de Lisette nada tinha de temivel, nem de ameaçador; ao contrario, era doce, quasi carinhoso.

— Mas quem a informou de tudo isso? — exclamou Cesar fazendo um esforço.

— Oh! quando uma mulher como eu, precisa d'um homem como o senhor, pracura, indaga tudo o que lhe forneça dados para o dominar: póde guardar os quarenta mil francos: não é o dinheiro que me traz aqui, é a gratidão. O senhor tem praticado muitas infamias: não deve repugnar-lhe mais uma. Só me resta agora perguntar-lhe se quer servir-me, se quer que sejamos amigos?

Cesar suspirou como quem cede ao poder da força. E dirigindo um olhar receioso para o homem que julgava agente da auctoridade, respondeu:

— Que remedio se não sermos bons amigos: comtanto que me deixem a liberdade.

— A commissão de que eu quero encarregal-o nada tem que vêr com a justiça; quando muito, poderia custar-lhe algum desgostosinho particular, pois trata-se sómente de arrancar a um marido enganado a venda que lhe cega os olhos.

— Estou ás suas ordens.

— Vou dar-lhe um conselho antes, para lhe provar que lhe não quero mal.

Cesar inclinou a cabeça em signal de agradecimento.

— O senhor tem quarenta mil francos; com essa quantia deve sahir de Paris amanhã mesmo.

— Não desejo outra coisa!—exclamou Cesar sem poder conter-se.

— Se amanhã á noite não tiver partido, será irremediavelmente entregue á policia.

— Partirei.

— Antes, porém, preciso que me dê uma prova da sua prodigiosa habilidade caligraphica.

E Lisette, tirando d'um cabasinho um pequeno estojo de viagem com tudo o necessario para escrever, continuou:

— Temos aqui papel e tinteiro: escreva duas cartas imitando a letra de Eanny Ratt.

— Não tenho de memoria a letra d'ella.

Lisette apresentou-lhe uma carta de Fanny.

— D'accordo; mas com um original á vista, póde imital-a, como já o fez.

— Mas posso compromettter-me.

— Não tanto como com a falsificação de notas do Banco de Hespanha, e com a deserção do presidio de Africa.

— Escrevo, escrevo; mas aqui não estamos bem: ha muita gente; tenho de fazer experiencias antes de principiar a imitação.

Lisette chamou o criado.

— Este senhor precisa d'um gabinete reservado por espaço d'uma hora.

O criado chegou ao mostrador, fallou com madame Amenuiser, e voltou para a mesa de Cesar.

— O quarto de Marte está preparado.

— Pois acompanhe este senhor.

— A menina não vem?

— Não, eu fico por aqui.

E baixando a voz, continuou em hespanhol:

— Copie estas duas cartas imitando a letra de Fanny, sem lhe accrescentar uma virgula; mas empregue tanto cuidado, tanto esmero, que nem a propria possa conhecer a falsificação. Não tenha escrupulos, que não calumnia ninguem; é tudo questão de fórma; a culpa existe.

Cesar leu em voz baixa os periodos que devia falsificar.

— Mas isto é uma infamia! — exclamou Cesar.

— Tem escrupulos de consciencia? N'esse caso, darei parte á policia.

— Não, não; vou escrever.

E dirigindo-se para o criado, disse-lhe em franze:

— Acompanhe-me ao quarto de Marte.

— E' este, cavalheiro.

E os dois entraram pela porta que lhes ficava ao lado.

Lisette sorriu-se com infinita satisfação, quando viu desaparecer Cesar,

O edil Titinio multou os cortadores por venderem ao povo carne que não tinha sido préviamente examinada pelas auctoridades competentes. As multas serão applicadas na erecção d'um templo á deusa.

— O chefe de malfeitores por nome Demrjahon, preso perto de Neava, foi crucificado hoje.

— Chegou hoje ao porto de Ostia a esquadra carthagineza.

— O banqueiro Ausidio, em cujos escriptorios se vê um escudo cimbro, desappareceu, levando uma somma consideravel. Perseguido pelas auctoridades, poude ser capturado, apprehendo-se-lhe todo o dinheiro que levava. O pretor Fontejus condemnou-o a restituir immediatamente o dinheiro que os particulares lhe haviam confiado

As tarifas americanas.—Dizem de New-York que o presidente Cleveland encarregára David Wells de preparar com o secretario do thesouro o projecto de reforma das tarifas que deverá ser submettido á apreciação do congresso, que será convocado para 15 de setembro. A escolha de Wells, considerado como um economista e livre-cambista dos mais notaveis dos Estados-Unidos, parece indicar que a reforma das tarifas será quasi radical.

Carta

Sob este titulo o nosso collega d'Oliveira d'Azameis escreve no seu ultimo n.° o seguinte:

«Do nosso amigo, reverendo abbade de Macieira de Sarnes, recebemos a copia da carta, que dirigira ao sr. abbade de S. João da Madeira e que abaixo transcrevemos. Esta carta tem uma alta significação, visto o caracter do signatario d'ella e a posição de imparcialidade, em que se tem ultimamente conservado em face das pugnas politicas da localidade. Esta carta tem ainda o alto merecimento da hombridade e desassombro, com que o sr. abbade de Macieira de Sarnes manifesta a sua opinião ácerca das accusações diffamatorias e calumniosas, feitas ao integerrimo juiz de direito d'esta comarca.

Segue-se a carta:

—

Sr. Abbade de S. João da Madeira. — Se v. rev.ma, e meu collega na vida parochial, representasse o ideal de Rosselly de Lergues na vida do sacerdocio, teria de o louvar e apertar-lhe a mão; e se em vez de ser Diogo, como me chamam, me chamassem Diogenes, não lhe acceitaria as honras de ser cynico, mas desejaria imital-o na reprehensão para chamar a v. rev.ma á ordem a respeito do seu procedimento.

O dr. Joaquim Antonio Coelho da Rocha, nosso actual juiz, acaba de ser accusado por sete individuos, (que não sei se representam os sete peccados mortaes) entre os quaes—*horresco referens!*—se conta o nome de v. rev.ma, parocho que é d'esta comarca e d'uma freguezia importante, tanto em referencia ao seu valor material, como quanto ao numero de suas boas cabeças.

Isso escandalisou-me a ponto de ter desejos de correr uma esponja sobre a sua assignatura, embebida n'um sentimento de despreso, e arrancal-a d'alli, como de logar improprio, deixando aos restantes individuos as honras, se quizerem, de representar só os seis peccados contra o Espirito Santo, visto ser o primeiro a *desesperação de salvação* e o ultimo a *impenitencia final*. Maguou-me em extremo o ver a v. rev.ma, como sacerdote que é, subscrever um documento diffamatorio, quando Christo disse que fossemos o sal e a luz do mundo, nunca instrumentos de vingança, mas sim ministros de paz e ordem nos tempos em que a politica se fez para muita gente profissão de roubos e destemperos.

Como eu, não está v. rev.ma isempto de vicios e peccados, e embora lhe chamem um cavalheiro e um bom padre, tenho e tomo a liberdade de despedir-me por completo de suas relações, o que consigno n'esta carta em forma de protesto, e cuja copia envio para a imprensa para que o que n'ella exponho passe ao conhecimento de mais de seis pessoas.

De v. rev.ma quanto posso e devo ser.

Macieira de Sarnes, 21 de junho de 1893.

Abbade Diogo Manuel de Lima Peixoto.»

Syndicancia

Sobre o facto ha dias praticado pelo sr. coronel do 12, na Guarda, facto que toda a imprensa noticiou como grave, o nosso collega, *Districto da Guarda*, diz no seu ultimo n.° o que segue:

«Chegou a esta cidade no dia 21 o sr. general de brigada José da Rosa, afim de syndicar sobre o facto narrado por nós e por outros collegas de Lisboa, relativo ao apeamento do monogramma e corôa real, que ha dois annos tinham sido collocados na fachada principal do quartel d'infanteria 12. Esperamos que o sr. general se inspire nos principios da verdadeira justiça e disciplina, procurando lançar luz completa sobre o assumpto, inquirindo todos os officiaes superiores e inferiores, amigos ou inimigos do sr. Saturio, e sem a menor ideia preconcebida.

Além do que dissémos no numero passado temos a accrescentar que o monogramma feito com as lettras iniciaes do nome de SS. MM., e a corôa, eram de madeira e foram construidas por pessoal do regimento, por ordem do sr. Saturio Pires, e mandadas apear logo que este teve conhecimento da sua passagem á arma. O pouco valor do monogramma e corôa não justificam o acto, que tem toda a gravidade, não só pela pessoa que o praticou, mas pela occasião em que foi feito. Se tivessem valor intrinseco e fossem propriedade do sr. Saturio, poder-se-ia desculpar o facto, como se desculpa querer s. ex.ª levar comsigo os caixilhos dos retratos de SS. MM. que existem na sala da bibliotheca—caixilhos que a officialidade reconquistou entregando ao seu ex-commandante 7$500 réis, producto d'uma subscripção entre elles, e que salvou o regimento de mais uma vergonha. Este facto não se justifica tambem, mas desculpa-se: os caixilhos tinham sido comprados pelo sr. Saturio e, apesar de já fazerem parte do mobiliario da bibliotheca, elle entendeu que não os devia deixar. Mas o monogramma e a corôa que pouco ou nada valiam e que foram feitos pelos sargentos e soldados? Não ha explicação que justifique o vandalismo.

E' possivel que s. ex.ª tivesse só em vista mostrar o seu descontentamento por lhe retirarem o commando? E', mas não podemos saber as intenções de cada um. O que é certo, é que todos o consideraram como um acto de indisciplina, que veio justificar o conceito que ha muito tempo fazemos de s. ex.ª. Ha muito que n'este logar affirmámos a necessidade de se retirar o commando ao sr. Saturio, que não póde occupar logares d'esta natureza, que requerem predicados que n'elle não ha. As perseguições constantes que moveu a alguns sargentos, absolutamente extranhos ao movimento revolucionario do Porto, terminando por demittil-os: as transferencias e a suspeição de jacobinos que lançou sobre muitos officiaes que; pelo seu passado, pela sua vida, sempre deram garantia da sua dedicação á causa monarchica; o descredito sobre o corpo em geral, que resultava do facto de s. ex.ª passar todas as noites no quartel, sem depositar confiança n'um official; os multiplos factos verdadeiramente grotescos a que se prestava, para indagar as menores particularidades da vida intima dos subordinados; as accusações que aqui lhe fizemos relatando factos caracteristicos d'um desiquilibrio qualquer, que pediam immediatamente a retirada de s. ex.ª, sem que elle, nem, o que é mais, um unico official viessem nunca defender n'este ou n'outro jornal qualquer d'esses actos, cuja interpretação fosse menos regular, ou menos justa; todas estas circumstancias e outras mais influiram no sr. ministro da guerra para fazer o que ha muito devia ter feito—retirar-lhe o commando; e bem longe estavamos nós de esperar que o sr. Saturio viria por sua livre e expontanea vontade confirmar tão breve o juizo que sempre fizemos de s. ex.ª, dando uma prova publica da sua falta de respeito ás ordens superiores que no exercito é dever acatarem-se sem protesto nem indignação. Sem a coragem para affrontar os perigos na lucta pela vida ou sem a serenidade d'espirito para não se destemperar á menor contrariedade, não se póde ser um bom militar e muito menos um regular commandante.

Dizem-nos que o sr. Saturio é como particular muito boa pessoa e muito honrado, mas ninguem até hoje nos disse ainda que elle fosse um bom commandante; ser-se honrado vale de muito na epoca que atravessamos, mas é pouco para se desempenharem cargos de certa importancia.

Que o sr. general proceda com a correcção que é para desejar, informando superiormente a verdade e só a verdade, afim de evitar não só os commentarios sobre um facto que já devia estar liquidado, mas tambem as apreciações sobre as ordens e contra-ordens que, dizem, tem n'estes ultimos dias emanado do ministerio da guerra a respeito d'esta syndicancia; e que não nos obriguem mais a discutir este assumpto, a que não queremos voltar, é o que muito desejamos.

REGULAMENTO DO HOSPITAL DA MISERICORDIA DE AVEIRO

CAPITULO I

Do hospital

Artigo 1.°—O hospital da Misericordio d'Aveiro tem por fim o tratamento dos enfermos pobres dentro dos limites da sua receita. (Art. 7 dos estatutos).

Art. 2.°—O numero de doentes que o hospital póde comportar, em circumstancias normaes, é de trinta entre homens e mulheres.

§ unico.—Em caso de epidemia, este numero poderá ser excedido em harmonia com a capacidade maxima do edificio e circumstancias economicas da irmandade.

Art. 3.°—Os doentes do hospital dividem-se em externos e internos, e estes em gratuitos e pensionistas.

§ 1.°—Os doentes internos gratuitos e pensionistas teem direito a cama, roupa, dieta e tratamento.

§ 2.°—Os externos podem consultar gratuitamente os clinicos do hospital, reclamar operações de pequena cirurgia e os medicamentos indicados por elles.

Art. 4.°—A entrada dos doentes no hospital terá logar das 8 ás 9 horas da manhã nos casos ordinarios. Em caso de sinistro ou molestia repentina e grave, verificar-se-ha a qualquer hora do dia ou da noite.

Art. 5.°—Serão acceites para tratamento gratuito no hospital, dentro dos limites do art. 2, os doentes adultos que o requererem ao provedor, juntando attestado passado pelo parocho da freguezia em que residirem, ou que se apresentem acompanhados de officio do commissario de policia, do administrador do concelho ou do juiz de direito; devendo as mencionadas auctoridades declarar no attestado ou officio o nome, naturalidade, residencia, edade, profissão e pobreza do doente.

§ unico.—Quando o doente for de fóra do concelho e vier acompanhado de attestado de pobreza deve este ser reconhecido por tabellião.

Art. 6.°—Os doentes que solicitarem tratamento gratuito no hospital devem apresentar-se ao enfermeiro ás horas marcadas no art. 4 munidos do despacho do provedor lançado no requerimento ou officio, devendo aquelle empregado admitil-os provisoriamente.

Art. 7.°—O clinico do hospital examinará na sua visita os doentes entrados n'esse dia e verificando que lhes não é applicavel qualquer das exclusões mencionadas n'este regulamento, tornará definitiva a sua admissão, escrevendo o diagnostico na respectiva papeleta.

Art. 8.°—Não podem ser acceites gratuitamente no hospital:

1.°—Os doentes de molestia incuravel;

2.°—Os que pertencerem a alguma associação da qual tenham direito a receber subsidio que os habilite a tratarem-se em sua casa ou como pensionistas no hospital;

3.°—Os militares em effectivo serviço;

4.°—Os affectados de alienação mental, hysterismo ou outra qualquer doença que possa causar perigo, medo ou desassocego aos outros doentes;

5.°—Os doentes de fóra do concelho d'Aveiro, quando haja hospital no concelho da sua naturalidade.

§ unico.—A Misericordia subsidiará *o transporte dos doentes que se* acham no caso da exclusão do n.° 5 d'este artigo quando sejam absolutamente pobres.

Art. 9.°—Serão admittidos no hospital como pensionistas todos os militares que se apresentarem com guia do seu commandante e os empregados do caminho de ferro com boletim do seu superior.

§ unico.—Os doentes de que trata este artigo pagarão 400 réis diarios.

Art. 19.°—Poderão ser admittidos como pensionistas os doentes particulares de qualquer sexo que assim o reclamem, com tanto que não estejam no caso da excepção 4 do art. 8.

§ unico.—Os doentes de que trata este artigo pagarão a diaria que for convencionada com o provedor, ouvido o clinico de serviço.

Art. 11.°—Nos casos urgentes, previstos no art. 4, os doentes serão apresentados ao enfermeiro independentemente dos documentos a que se refere o art. 5, o qual os admittirá provisoriamente.

§ unico.—Os doentes de que trata este artigo, quando tenham de demorar-se no hospital, teem que satisfazer ás condições indicadas nos art. 5 e 7, se forem pobres, e 10 quando tenham bens.

Art. 12.°—Os doentes externos apresentar-se-hão á entrada do hospital das 8 ás 9 horas da manhã munidos de declaração escripta pelo parocho da sua freguezia. por onde provem que são pobres.

§ unico.—Os doentes a que se refere este artigo serão vistos e tratados pelo clinico de serviço e pelo enfermeiro e seus nomes inscriptos em livro especial, devendo voltar á consulta quando aquelles lh'o indicarem.

Art. 13.°—Para o bom desempenho de todos os serviços do hospital a Misericordia terá dois clinicos operadores, um enfermeiro e uma enfermeira e um fiscal que accumulará o serviço de cartorario.

CAPITULO II

Dos clinicos

Art. 14.°—Os dois clinicos do hospital farão todo o serviço, revesando-se um ao outro mensalmente, substituindo-se mutuamente na forma indicada no n.° 5 do art. 173 e § unico do art. 174 do Codigo Administrativo e auxiliando-se nos casos de conferencias ou operações.

Art. 15.°—O clinico de serviço visitará todos os doentes do hospital uma vez por dia das 8 ás 10 horas da manhã.

§ unico.—Além d'esta visita, fará todas as que julgar precisas, attenta a gravidade das doenças, e as mais para que for chamado pelo enfermeiro.

Art. 16.°—Aos clinicos do hospital compete:

1.°—Fazerem o formulario para uso particular do hospital, tendo em vis a as condições economicas da casa, e abstendo-se por isso de n'elle incluirem medicamentos caros e de effeitos ainda não bem conhecidos;

2.°—Participar por escripto ao provedor as faltas commettidas pelos enfermeiros no tratamento dos doentes;

3.°—Propor ao provedor quaesquer innovações que tenham por convenientes a bem do serviço clinico ou hygienico do hospital;

4.°—Não se ausentarem da cidade por mais de dois dias sem previa licença do provedor;

5.°—Propor a sahida de qualquer doente cuja molestia se tenha tornado incuravel, e por isso se encontre no caso do n.° 2 do art. 8.

§ unico.—No caso de qualquer doente ser mandado sahir do hospital em virtude do disposto no numero anterior, o provedor providenciará de modo que elle seja entregue a familia ou á auctoridade competente.

CAPITULO III

Dos enfermeiros

Art. 17.°—Aos enfermeiros, cada um com relação ao sexo dos doentes, compete:

1.°—Receber os doentes á porta do hospital, acompanhal-os á enfermaria, destinar-lhes a cama e prestar-lhes os soccorros que puderem e forem urgentes até á visita do clinico;

2.°—Acompanhar o clinico nas visitas ordinarias e extraordinarias e dar-lhes conta das occorrencias que se tenham dado desde a visita antecedente;

3.°—Executar as ordens do clinico e applicar os medicamentos por elle indicados;

4.°—Tratar os doentes com carinho, assiduidade e zelo;

5.°—Vigiar pela boa preparação, integridade e aceio das dietas e sua conveniente distribuição;

6.°—Vigiar pela limpeza e arejamento das enfermarias e mais dependencias do hospital;

7.°—Promover por meios suasorios que os doentes se submettam ás prescripções clinicas e á ordem e socego que sempre deve reinar em volta dos que soffrem, dando parte dos desobedientes quando assim o julgar conveniente.

§ unico.—Quando algum doente, pelo seu mau comportamento no hospital se tornar prejudicial aos outros ou indigno de receber o beneficio da caridade, o provedor providenciará sobre a sua sahida.

Art. 18.°—Não é permittido aos enfermeiros sahir da cidade, nem mesmo da casa, ambos ao mesmo tempo, sem auctorisação do prouedor ou do mordomo do mez.

CAPITULO IV

Do fiscal

Art. 19.°—Ao fiscal-cartorario, além das obrigações impostas no art. 49 dos estatutos, compete:

1.°—Visitar o hospital todos os dias e indagar se os serviços internos se cumprem fiel e convenientemente, podendo ouvir os enfermeiros e os doentes quando o julgar preciso;

2.°—Passar os vales para a compra dos generos necessarios ás dietas do dia seguinte em vista da respectiva tabella e do numero de doentes existentes;

3.°—Verificar se os generos comprados satisfazem em qualidade e quantidade e auxiliar que a sua acquisição seja economica;

4.°—Fazer toda a escripturação relativa aos diversos serviços do hospital;

5.°—Dar parte ao provedor das faltas que notar na administração economica do hospital e suas dependencias.

Aveiro e sala das sessões da meza administrativa da Santa Casa da Misericordia, 13 de março de 1893.

Approvada pela meza em sua sessão de 13 de março de 1893.

—

Copia do alvará que approvada o regulamento do hospital da Misericordia d'Aveiro.

José Ferreira da Cunha e Sousa, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, governador civil substituto, em effectivo serviço, do districto de Aveiro. etc.

Visto e examinado o regulamento do hospital da Misericordia d'Aveiro: e

Considerando que as suas disposições não contrariam as leis vigentes, e são de utilidade para o bom regimen da mesma Santa Casa:

Usando da faculdade que me concede o n.° 13 do art. 217 do Codigo Administrativo, e tendo ouvido previamente a Commissão Districtal, approvo o referido regulamento, o qual consta de dezenove artigos em quatro capitulos, escriptos em quatro folhas de papel sellado do sêllo legal e foi acceite pela maioria da respectiva meza.

Em virtude do que ordeno a todas as auctoridades e mais pessoas, que indo este por mim assignado e sellado com o sêllo d'este governo civil, e o referido regulamento numerado e rubricado pelo secretario geral d'este mesmo governo civil o cumpram e guardem como n'elle se contém e declara.

Dado no governo civil d'Aveiro, com o sêllo do mesmo em 19 de maio de 1893.—Logar do sêllo do governo civil. (Assignado) *José Ferreira da Cunha e Souza*

Aveiro e secretaria da Misericordia, 20 de maio de 1893.

O escrivão da meza,
Manoel Rodrigue Vieira.

SECÇÃO LITTERARIA

VINGANÇA TERRIVEL

(de Dubut de Laforest)

Nascera na Africa a formosa creoula por quem um dia se apaixonou perdidamente o conde russo Mezaroff, joven, galante e muito rico. Não sabendo que fazer ao dinheiro que herdara dos paes, fallecidos um apoz outro, no mesmo mez, quando elle contava apenas dezoito annos, o conde esperou se completasse a sua maioridade e abalou de Moscow em viagem de desperdicio e recreio.

— Vou correr mundo e ver mulheres...—disse, de si para si, ao partir.

Passado tempo Mezaroff desembarcava n'um ponto qualquer da Africa, uma povoação que se estendia desde a beira-rio,—um rio qualquer cujo nome não chegou até nós e que nem falta faz deixar de saber-se,—até perto de dois kilometros para o lado do interior. Algumas casas, poucas, á moda europeia;—no restante choças, cubatas, etc.;—povoação africana, em summa; e deixemo-nos de mais preambulos.

Mezaroff sympathisou com a aldeia, fez ancorar o seu hiate, construido ha pouco nos estaleiros do Havre, e decidiu-se a viver alli algum tempo depois de ter sabido que uma das poucas familias de brancos que habitavam á beira do rio, lhe daria hospedagem.

Queria só apreciar de perto os costumes, por certo estravagantes e curiosos dos indigenas, e nada mais,—dissera elle.

Demora de pouco tempo,—acrescentara.

Ao cabo de dois dias, Mezaroff travou relações com Olga, formosa e attrahente creoula que teve artes de fazer apaixonar o conde a quem a sua belleza deslumbrara. Para encurtar rasões diremos que um bello dia o hiate levantou ferro seguindo para a Europa. A bordo vinha, raptada, a formesa Olga e, dois mezes depois a cerimonia do casamento, pomposamente celebrada, transformava-a em condessa Mezaroff.

Mas o conde,—que sahira de Moscow para «ver mulheres» — não se deu a cumprir integalmente os juramentos de fidelidade que prestara a sua esposa e, uma vez em Pariz, largou a redea aos seus desejos e deu-se a conquistas e aventuras, deitando alfim paixão seria por uma galante hespanhola, já viuva, visita de sua casa e amiga de sua esposa.

Quando a condessa Olga Mexaroff soube que o marido era amante de outra mulher, não commetteu a banalidade de se desesperar chamando a Paris a Babylonia moderna. Tambem não pensou em requerer os bons officios do commissario de policia do seu bairro, para que este honrado funccionario recebesse, na sua facha tricolor, as repolhudas lagrimas, a que os poetas chamam perolas ou diamantes, se as lagrimas são d'agua simples, e rubis se o sangue de mulher as coloriu ligeiramente. Não. A joven estrangeira acolheu friamente a revelação; curvou a cabeça, sem phrases nem exclamações, preservou o seu antigo rosto da contracção muscular, e apresentou o ar d'alguem que pensa em coisa muito diversa.

As duas mulheres eram ambas as rainhas da colonia.

A africana,—alta, delgada, flexivel e nervosa, olhos energicos e acariciadores; cutis finissima, parecendo ter nascido para ser condessa ou mais alguma coisa ainda na escala social.

A hespanhola,—Maria Hesloso,—estatura regular; bocca voluptuosa; cabellos magnificos; faces rosadas; olhos azues; o seio... oh! o seio d'uma resistencia que desafiava os fogos cruzados e intensissimos de todos os binoculos da Opera.

Representavam ambas magnificamente a sua raça, e eram demasiado ricas e formosissimas para se metamorphosear e transigir ao sabor dos costumes parisienses. Como é que o conde Nicolau Mezaroff,—um bello gigante loiro,—chegára ao extremo de esquecer os encantos de sua esposa?... Porque é que o homem do Norte festejava, inteiramente rendido, as graças de uma meridional, quando a sua primitiva educação parecia protegel-o contra a sua propria fraqueza, recordando-lhe os seus desdens pelas creaturas indolentes e de graças felinas?... Porque aspirava elle o enervante perfume da rosa de Andaluzia, depois de ter colhido a ardente flôr tropical? Em semelhante materia, os mais profundos physiologistas não sabem nada e até nova ordem, devemos limitar-nos á celebre phrase de Pascal: — «O coração tem razões que a razão não conhece».

A condessa Olga amava seu marido; amava-o, a ponto de preferir que elle morresse antes que pertencesse a uma rival. Iria arrancar-lhe a vida, rasgando-lhe o peito com uma punhalada?... Essa idéa occorre-lhe a principio; mas expulsou-a, porque tinha no coração e no cerebro mais tristeza que odio, e talvez tambem um tanto ou quanto de duvida,—a essencia da fragilidade humana,—que fracciona as grandes dôres, como se faz com os medicamentos perigosos, que se tomam em pequeninas dozes. Nos primeiros dias, a africana recusou-se a acreditar na traição da amiga, tão encantadora á hora do chá. A Herloso?... Uma verdadeira camarada para o conde Nicolau. A hespanhola?... Uma *rieuse*, uma hypocrita, eis o que era.

Entretanto, a condessa Mezaroff conhecia toda a extensão da sua desventura. Não lhe eram estranhas as manobras da inimiga, que frequentava a sua casa com todas as liberdades de pessoa de familia; escutava-lhe o seu doce fallar, que encanta, abandonava-se em confidencias, em intimidades, a reavivar coisas passadas, e os quadros infantis tornavam-se quadros lubricos.

*

N'uma noite, n'um baile em forma, a hespanhola, cuja viuvez fora arrebatada pelos diabinhos côr de rosa da imaginação e do temperamento, valsava deliciosamente com o conde Mezaroff.

—A'manhã á noite, ás nove horas, em minha casa... Imagina um pretexto qualquer para te ausentares...

—Perfeitamente... Não me será difficil... A'manhã no meu club, ha um assalto ao florete...

—Tua mulher não tem a menor suspeita... Vês como está sorrindo para nós?...

—E tu, querida, estás formosissima... irresistivel de tentação!... O teu collo... que bello perfume!...

—E o d'ella?...

—Oh! o d'ella!...

— Sériamente, não amas tua mulher?...

—Não... Juro!

—E' que... bem sabes... eu sou hespanhola!

A orchestra toca uma phantasia sobre motivos da *carmen*:

Se me não amas liei de amar-te,
Se amor te dou treme de mim...
.....

No dia seguinte, o conde para sua mulher:

— Até logo, Olga.

— Até á noite, meu amigo.

Ficando só, a condessa chamou a sua creada de quarto. Esta de nome Véra, appareceu. Era uma rapariga filha de um cossaco, uma especie de hercules femea.

— Véra?

— Minha senhora...

— Posso confiar na sinceridade da tua dedicação, não é assim?

— Certamente, minha senhora.

— Se eu mandar?...

— Obecerei... Nunca me esquecerei que foi a senhora que salvou o meu noivo de morrer no supplicio...

— Bem; manda pôr o trem... Vou sahir, e tu acompanhar-me-has.

*

O conde de Mezaroff despedira-se já da hespanhola.

Logo que o amante partiu, esta reclinou-se n'uma *causeune*, descançando, a saborear a enebriante cigarrilha. Os candelabros, de globos foscos côr de rosa, aureolavam de luz deliciosa a sua fronte. Estava realmente formosa no seu *peignoir* de veludo cereja.

Ouvindo um ligeiro toque na porta do *boudoir*, disse indolentemente:

— Entre quem é...

E depois, com um risinho de maldade:

— Ah! é a condessa?... Que encantadora surpreza, minha querida amiga... Uma chavena de chá, sim?

— Com muito gosto.

N'este momento, a porta do *boudoir* abriu-se de repellão. Véra, a creada da condessa, entrou, e, antes que a hespanhola podesse soltar un grito, as duas mulheres amordaçaram-a e ligaram-lhe as mãos atraz das costas.

A um signal de sua ama, Véra retirou-se. Então, a ciumenta africana

---

PROLOGO

Tres são segundo o pensamento d'um poeta, as classes d'individuos para quem ordinariamente tomamos o trabalho d'escrever,—*litteratos—povo—e mulheres.*

Os litteratos pedem-nos obras scientificas, o povo politica, e as mulheres romances. O nosso opusculo, não sendo por conseguinte nem um romance, nem um tratado de sciencias, é visto, que pertence do direito ao povo, em cujas mãos o entregamos.

Dito isto resta-nos apenas fazer duas declarações, que mais devemos a nós mesmos do que talvez á boa interpretação do folheto. A primeira é, que não reconhecemos em Portugal senão tres partidos politicos—o *moderado*—o *progressista*—e o *miguelista*. A segunda, que etigmatisando Antonio Bernardo não stigmatisamos a restauração;—expliquemos a idéa. Não reconhecemos em Portugal, senão tres partidos porque tudo o demais são bandos. O partido moderado abrange os Cartistas de todas as datas, dissidentes ou não dissidentes, portestantes ou não protestantes, com a denominação d'ordeiros ou de puristas, em fim com qualquer epitheto bom ou mau que aprouver dar-se-lhe, uma vez que em qualquer phase da vida em que hajão figurado, tenhão sempre revelado o pensamento d'antes preferirem caminhar ao progresso pela illustração, do que á illustração, pelo progresso; de não desejarem arriscar o todo pela parte; e d'estarem convencidos, que a demasia de concessões rapidamente feitas ao povo, não póde deixar de dar em resultado senão a perda d'essa pouca liberdade que hoje gosa. Eis aqui os nossos moderados, e como taes os nossos unicos Cartistas;—se alguem rejeitar a classificação, desviese. O partido progressista comprehende-os setembristas de todas as crenças, mais ou menos exagerados, mais ou menos inclinados ao progresso, e mais ou menos propensos a fazerem consistir a maxima felicidade d'um paiz no maximo goso de direitos sociaes. E ao miguelista em fim, entregamos indistintamente confundidos todos os sectarios do governo absoluto, qualquer que seja o epitheto honorifico com que se adornem, porque em resultado o mesmo importa denominar-

cheira a interesse pessoal. Porém na occasião de que se trata, Barreto Feio, não por lisonja, nem por outra alguma razão menos propria do seu caracter, mas por julgar que assim o pedia o *Salus populi*, votou se deferisse a regencia ao Senhor D. Pedro IV, como se póde ver da acta da sessão de 25 de agosto.

Todavia, tendo votado n'esta questão como acaba de dizer, não póde deixar de confessar que, na sua estimação grande prova deram da independencia do seu caracter, e merecem o maior louvor aquelles, que votaram contra, porque assim o entenderam.

Nas mais votações, isto é, nas dotações enormes propostas pelo ministerio e approvadas pela maioria da camara, a que parece alludir aquelle redactor servil, o deputado Barreto Feio consultou as forças da nação, teve em vista o *deficit* enorme, que apparece entre a nossa receita e despeza, e antes quiz passar por *mesquinho* na opinião dos lisongeiros do Paço e sanguesugas do Estado, que lançar sobre os hombros da infeliz nação uma carga com que não póde.

E assim julga o deputado que, combinada esta carta ao Senhor D. Pedro IV, com as suas votações na camara, e com o que tem dito, escripto, ou feito em toda a sua vida, resulta a mais perfeita harmonia entre o seu proceder e os principios do verdadeira honra e desinteresse, que sempre professou. E assim parece ao deputado Barreto Feio, que os satellites do ministerio estão doudos, e doudos tão furiosos que estão a dar em si mesmos.

Com esta calumnia de papois impressos em França contra S. M. I., e outras indignidades do que não é capaz esse deputado, já veio a infame *Revista* e o *Periodico dos Pobres*, na occasião das eleições, com o fim de lhe roubarem a honra do suffragio, estando o calumniado ausente no centro da Allemanha. Teve elle noticia d'isto, quando voltou á patria; mas julgou desnecessario sahir então por sua honra contra tão vil canalha: e se o faz agora, é pela razão de que, estando presente, e não desmentindo tão atroz calumnia, pareceria a alguem que com o seu silencio a confirmava.

C'est a nous d'etre vrai.

J. Jacques.—Conff.

Nascer pobre e obscuro em meio d'uma nação dilacerada por partidos, accomodar-se a todos elles, medir-se com todos os tempos, casar-se a toda a politica, florear alternativamente as bandeiras de todas as côres, grangear muito odio a preço de pouca adhesão; começar por Maulio e acabar por Catelina, passar dos comicios de Bruto á intimidade de Cesar, e por ultimo apossando-se do poder, ter escravisada a liberdade d'um paiz, aliás zeloso de seus fóros, é constituir inquestionavelmente uma d'essas existencias do phenomeno, a que nem o seculo póde negar um certo espanto, nem o historiador as *honras* d'uma comemoração especial. Tal é pois Antonio Bernardo da Costa Cabral, cuja biografia nos propusémos dar ao prélo. A sua vida é rica de successos, abundante de exemplos para a politica, pasmosa em abortos de fortuna, e até farta de moralidade para quem, seguindo o preceito de *Bocage*, quizer da escóla do vicio tirar lições de virtude.

Alguem dirá que a escrevemos com sangue, outros que fomos parciaes, e outros talvez que agigantamos a sombra: digão-n'o embora, porque a nossa consciencia está pura. Todos conhecem que Antonio Bernardo tem direito a uma pagina na historia; se a que lhe damos é de louro corôe-se com ella, se é de ferro que lh'a estampem na face; mas em todo o caso é sua.

Começai pois por conhecer a pessoa; logo vos daremos o deputado, e após o deputado o ministro.

Antonio Bernardo no physico é um homem ordinario como ha muitos; tudo n'elle é commum; nenhuma feição expressiva, nada que prometta talento, nada que revélo elevação ou engenho, nada mesmo que denuncie um verdadeiro fundo de maldade; só no olhar, e no sorrir tem um não sei

colloca-se, cruzando os braços, em frente da crimosa.

— Perdida! Despedaçaste a minha vida... Soffrerás tanto quanto eu tenho soffrido... Ignoro os castigos da civilisação; nas minhas veias corre sangue barbaro!...

E, dizendo isto, com espantoso impeto, precipita-se sobre a victima; arranca-lhe violentamente as rendas dos seios... O estofo estalla, rasga... O peito da hespanhola apparece a nú...

A africana lança-lhe os dentes ao botão de um dos seios, morde-o, sacode-o, corta-o raso, escarra-o no tapete; e, com o mesmo encarniçamento feroz, tal como a loba uivando de fome, completa a sua obra de destruição, recuando um passo, sorrindo de contentamento á idéa que a mulher, a ladra do seu amor, fica perdida para sempre, e que os seios altivos, redondos, tentadores, o enlevo e o feitiço do marido, agora hediondos, sangrentos e esburacados, vão achatar-se e perder toda a sua consistencia como os balõesinhos que as creanças rompem nos seus brinquedos infantis...

(Imit.) *F. Ierre.*

CARTA DE LISBOA

27 DE JUNHO DE 1893.

As camaras continuam a trabalhar. O sr. visconde de Chancelleiros fallou hoje sobre a questão do orçamento, que promette discutir pauzadamente. Estando com a palavra, propoz que na acta se lançasse um voto de sentimento pela desgraça que acaba de ferir a Inglaterra, na perda de muitos dos seus melhores marinheiros. A camara e o governo votaram a proposta unanimemente.

Na camara electiva e por proposta do sr. Ferreira de Almeida votou-se tambem, por unanimidade, proposta semelhante. N'este lance de dôr, reis e povos teem dado á Inglaterra as mais significativas demonstrações de confraternidade sentimental.

— Na sessão de hontem o sr. Barbosa de Magalhães apresentou uma representação dos ex-arbitradores judiciaes da comarca de Albergaria a Velha, e, suppondo traduzir o pensamento da camara e accedendo ao convite feito n'uma das sessões passadas pelo sr. ministro da justiça, apresentou tambem um projecto de lei restabelecendo essa classe nos termos da legislação anterior ao decreto de 15 de setembro de 1892, e revogando tudo o que n'esta data e posteriormente se decretou sobre exames, vistorias e avaliações.

O mesmo sr. deputado annunciou uma interpellação ao sr. ministro das obras publicas sobre a demora em responder ao recurso interposto para o supremo tribunal administrativo pelo engenheiro Adolpho de Vasconcellos —contra o despacho que o preteriu na promoção, e sobre os vencimentos illegalmente cortados aos engenheiros incumbidos do levantamento da carta vinicola. Chamou por ultimo a attenção do sr. ministro do reino para a necessidade de refundir completamente a ligação sobre recrutamento militar desde que a faculdade ampla da remissão alterou o pensamento fundamental d'essa legislação, sobre a errada interpretação que se tem dado ao decreto que estabeleceu essa remissão a dinheiro, e sobre as duvidas levantadas na pratica de estarem ou não sujeitas a sello e a emolumentos as justificações judiciaes para reclamações de recrutamento militar.

O sr. ministro do reino declarou concordar com as considerações expostas pelo illustre deputado, e que pela sua parte o governo estudava o assumpto, não tendo podido, por falta de tempo, apresentar ao parlamento o resultado dos seus trabalhos. Que em sua opinião as justificações a que o illustre deputado alludia estavam isentas de sello, e devem ser processadas e julgadas gratuitamente, e por isso, se fosse precisa qualquer providencia governativa sobre isso, não teria duvida em toma-la.

— A eleição de domingo deu em resultado serem eleitos por Pinhel o sr. Barão de Paçô Vieira (Alfredo), e por Barcellos o sr. Venceslau de Lima.

N'estes dois circulos não houve opposição. Em Villa do Conde deu-se a lucta entre os dois partidos vencendo o candidato regenerador, mas vencendo por uma forma que faz lembrar os tempos do cabralismo. O que alli succedeu ha-de trazer grandes desgostos ao governo, que afinal é o responsavel por tudo. A eleição de Villa do Conde foi quasi semelhante á que se fez na Povoa no tempo do consulado Dias Ferreira. Tem de menos apenas o não haver sangue, no resto foi semelhante. Sobre os factos que alli se deram fallou hontem na camara o sr. Eduardo Coelho. O sr. ministro do reino respondeu que tinha recommendado a maxima legalidade. Devemos crêr que foram essas as instrucções dadas, mas não foi isso o que succedeu, o que nos permitte concluir que o actual governador civil do Porto é, nas questões politicas, pau para toda a obra—individualidade semelhante ao seu antecessor, ministro da marinha actualmente. Pois não fizeram bem em proceder assim porque levantam attrictos n'um caminho que se ia percorrendo sem elles.

Tinha escripto estas linhas quando chegam a Lisboa as ultimas noticias de Villa do Conde. A eleição foi um verdadeiro desastre para o governo. Os attentados foram grandes. Improvisou-se a meza eleitoral, que depois foi cercada pela policia impedindo-se assim o accesso aos eleitores progressistas; houve coronhadas d'armas e chegou a haver sangue. Mais de 400 eleitores foram impedidos de votar e arremeçados á força para fóra da casa da camara onde a eleição teve logar. Em fim não ha exemplo d'attentados de tal ordem — attentados que inutilisam a eleição pois que, feita sob taes auspicios não pode haver tribunal que a valide. E preciso é que assim succeda para castigo e exemplo dos que por tal modo abusam da auctoridade de que dispõem. E depois o *vencimento* é por 40 votos!

— O artigo do *Seculo*, em que tracta dos tribunaes militares, tem sido transcripto por quasi toda a imprensa de Lisboa na parte em que falla do illustre militar, sr. José Estevão de Moraes Sarmento. O que alli se diz do honrado representante de Mertola traduz apenas um acto de justiça, pois que o sr. Moraes Sarmento é hoje, incontestavelmente, uma das distincções mais salientes do exercito portuguez. Com um largo fututuro deante de si muito é o que ha a esperar da sua elevada intelligencia e do seu honrado caracter. Felizmente que ainda se faz justiça a quem ella se deve.

— A *Tarde* de hoje accusa o partido republicano portuguez de terem vendido á Hespanha a patria de Camões, pois que é isso o que se deprehende do que disseram em Badajoz os representantes da grey que alli foram no domingo proximo. A accusação é grave e exige uma justificação prompta e completa. Se os accusados a não fizerem e tão cathegorica como é d'esperar, teremos de combater n'aquella agrupação não os divergentes d'opinião, mas os inimigos da patria.

— A camara d'aqui lançou um novo imposto sobre as lavadeiras. Ellas reagem por emquanto pacificamente, representando. Foram ao ministerio do reino em grande grupo, mas o ministro só recebeu uma commissão de quatro, das mãos da qual recebeu a representação que levavam. Naturalmente não são attendidas e terão de pagar. Combinaram porém em tirar desforço, não acceitando, nenhuma d'ellas, a roupa dos vereadores para lavar. E se a isso se comprometteram como se affirma, cumprem. Tem graça e não offende, mas embaraça.

— Parece que chegaram ha dias a Lisboa dois ou tres personagens estrangeiros, que desejam contratar com o governo o serviço da divida publica externa, depois de terminado o praso da conversão, obrigando-se a pagar todos os juros aos portadores d'esses titulos, durante o praso de setenta annos, com a condição do governo lhes garantir a liberdade de importação e de cunhagem de toda a moeda de ouro e prata necessaria á circulação em Portugal, durante o mesmo periodo. O syndicato estrangeiro obrigar-se-hia ainda a concluir as obras da Avenida da Liberdade, a contribuir com um *quantum* para as obras do porto de Lisboa, etc.

— O concilio republicano que no domingo se reuniu em Badajoz verificou-se sem incidente notavel. Os nossos compatriotas, que se deram ao trabalho da viagem, foram e regressaram com o só incommodo do calor que tiveram de supportar. De resto comeram bem e fallaram muito, alguns diz-se que menos patrioticamente, porque, diga-se a verdade, isto de pretender fazer da Peninsula uma só nação, corre o risco de sermos absorvidos e isso desagrada geralmente. Por emquanto não ha perigo porque a opinião não os acompanha no tentamen que os move.

— O digno par sr. Manuel Vaz Preto Geraldes partiu para a Graciosa, onde tenciona demorar-se alguns dias. Sua ex.ª não tem agora passado peor dos seus incommodos.

— No concelho de Alemquer ha quatro annos que se não pagam as decimas com o fundamento de que não estão regulares as matrizes. O facto assombra; e não assombra menos o de que no districto de Portalegre não se procedeu ainda ao trabalho da inspecção predial como se está fazendo em toda a parte. Realmente o modo por corre a administração publica n'este paiz é assombroso.

— O sr. José Luciano Corrêa de Bastos Pina, ultimamente nomeado sub-delegado da comarca d'Estarreja, é sobrinho do sr. Bispo Conde. E' um moço muito habil e deve fazer um logar digno.

— E' ámanhã que deve vir publicado no *Diario do Governo*, o decreto creando a ordem de Merito Agricola e Industrial, assignado em Beja pelo sr. D. Carlos. O grão-mestre da ordem será o soberano, e n'ella haverá grã-cruzes, commendas e officialatos, em numero determinado. O officialato é, na agricultura, para feitores e regentes, e, na industria, para operarios. Por esta nova ordem ha muito tempo que se interessavam os nossos industriaes e agricultores, e ainda na visita que Suas Magestades fizeram ao Porto em 1891, esse desejo foi manifestado. Deve por isso ser ella bem recebida, satisfazendo a sua instituição os desejos d'uma grande parte do paiz.

— Está a concurso o provimento do logar de recebedor da comarca de Gavião,

— El-Rei parte ámanhã á tarde para Setubal e regressa na sexta-feira.

— O sr. José Joaquim de Castro Feijó, agente do ministerio publico no serviço das execuções fiscaes, foi transferido de Beja para Vianna do Castello.

— Trata-se este anno de celebrar o dia 24 de julho, anniversario da entrada das tropas liberaes em Lisboa, com grande pompa, como protesto contra a campanha em favor das ordens religiosas.

— A commissão municipal, na sua sessão de hoje, resolveu lançar na acta um voto de louvor e agradecimento ao sr. conde de Restello, pela defeza feita por este senhor na camara dos dignos pares, contra as accusações do sr. conde de Thomar.

— Continua a affirmar-se que a Rainha de Hespanha virá passar a epoca balnear na Granja ou em Espinho, pois que tem pedido informações d'ambas as praias.

— Continuam a affirmar-se as melhoras do sr. Pinheiro Chagas, o que é motivo de prazer para todos os seus amigos.

— Na noute de S. João houve desordem e ferimentos no Limoeiro. Está provado que entre a *boa* gente que habita aquella *mansão* de *justos* não póde haver paz duradoura.

— Na feira de S. João d'Evora foram presos pela policia nada menos de 33 gatunos, quasi todos procedentes das quadrilhas de Lisboa.

— Acabam de ser nomeadas as juntas de inspecção militar e são:

Porto:—1.ª junta: os srs. tenente-coronel Leopoldo de Menezes, cirurgião-mór Lopes Cardoso, cirurgião-ajudante Silva Rebello; 2.ª junta: os srs. tenente-coronel Cardoso Apparicio, cirurgiões-móres srs. Nogueira Soares e Souza Christino; 3.ª junta: os srs. tenente-coronel Barbosa Fraga, cirurgião-mór Teixeira de Menezes e Lencastre, e cirurgião ajudante Antonio José da Rocha.

Penafiel:—Os srs. tenente-coronel Durães de Faria Bilton, cirurgião-mór Graça Correia Fino e cirurgião-ajudante Rodrigues Pinto Brandão.

Guimarães:—Os srs. tenente-coronel Carlos Maria dos Santos, cirurgião mór Antonio Manuel Trigo e cirurgião-ajudante Costa Almeida Ferraz.

Braga:—Os srs. tenente-coronel Eça de Chaby, cirurgião-mór Marques Coelho e cirurgião-ajudante Zagallo Nogueira.

Ovar:—Os srs. tenente-coronel Salles de Mendonça, cirurgião-mór Salvador Augusto de Brito e cirurgião-ajudante Lima Duque.

Coimbra:—1.ª junta: os srs. tenente coronel Francisco Correia, cirurgião-mór Forjaz Pereira de Sampaio e cirurgião ajudante Pinto Ribeiro; 2.ª junta, os srs. tenente-coronel Castro Borges de Mello, cirurgiões ajudantes Simões Diniz e Almeida Ferreira.

Vianna:—Os srs. tenente-coronel Pimenta da Gama, cirurgião-mór Luiz Augusto de Oliveira e cirurgião ajudante sr. Correia de Mattos.

Valença:—Os srs. tenente-coronel Luiz Cyriaco de Oliveira, cirurgião-mór Souza Passos de Brito e cirurgião-ajudante Affonss Salgueiro.

Villa Real:—Os srs. tenente-coronel Pinto de Souza, cirurgião-mór Ferreira Pinto da Cunha e cirurgião-ajudante Lopes Barriga.

Chaves: — Os srs tenente-coronel Silva Patacho, cirurgião-mór Gonçalves da Silveira Figueiredo e cirurgião ajudante Ferreira de Souza Garcez.

Y.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O facto mais extraordinario dos ultimos dias é o desastre succedido ao couraçado *Victoria* da marinha ingleza na manhã de 23. O facto deu-se no mar de Tripoli por abalroamento ou encontro com o couraçado *Comperdown*. D'este enorme desastre foram victimas 422 homens incluindo o proprio almirante Tryon com mais 21 officiaes, todos com carreira distincta na marinha ingleza. E' um facto notavel do que daremos estreitos pormenores no nosso n.° proximo.

Depois novos escandalos nas camaras francezas, escandalos de que saem mal feridos alguns parlamentares, e mais notavelmente Clemenceau que é homem perdido na opinião de parte da imprensa franceza.

Na Allemanha o imperador perdeu a eleição politica, acontecimento notavel com que elle decerto não contava.

Em Hespanha continua o partido extremo a fazer uso dos petardos—mau uso certamente e contra o qual se revoltam todos os que teem que perder.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.° 10

FAZ-SE publico que no dia 8 de julho proximo futuro, pelas 11 horas da manhã, se ha-de proceder em hasta publica, no Quartel do dito regimento, á arrematação de 37 almofaças, 180 luvas de crina, 121 brussas para limpeza dos cavallos do referido regimento.

As condições para a referida arrematação acham-se patentes todos os dias no Conselho Administrativo do mesmo corpo, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Quartel em Aveiro, 23 de junho de 1893

O secretario da Commissão,
Antonio Teixeira.
alferes.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduzin importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o règo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.° 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS E BOMBAS

PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto*, está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker,** no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot,** estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaês satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de serem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.

O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.°—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.° numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos e fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo officiai das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

PREÇOS

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.

CAMBIO

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

JOSÉ R. TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

E quanto ao mais que d'elle disséram de sêr ingrato e de ter perdido o escudo no Porto em 1828, visto agora estar com a penna na mão, responde o deputado que, se fosse ingrato, ninguem lhe abrira a porta; e que elle, proscripto e falto de tudo, sem nunca receber subsidios de governo algum (menos do francez, um anno que alli esteve) andou errante por diversas terras, e sempre achou as portas abertas para o receberem. E quanto ao desar, que dizem soffrera no Porto, diz o deputado que mal podia quem não vestiu as armas, perder o escudo; que se veio ao Porto n'essa occasião, veio, não como soldado d'aquelle general em chefe, mas como propheta do triste resultado d'aquella tentativa: mas se o instigarem, fallará mais alto, e em voz tão clara, que todos o entendam.

Nota

Parece que esta carta, apesar de escripta em 1827, só veio a ser publicada pela primeira vez em janeiro de 1835. Foi no *Universal* onde primeiro appareceu como desforço contra o auctor, que seguia politica contraria ao jornal e cuja redacção precedeu aquelle documento com estas linhas:

«*N. B.*—Combine-se esta carta com o que o illustre deputado escreveu a respeito de S. M. I. quando chegou do Rio de Janeiro a França.—Com as suas votações na Camara a respeito da regencia e mais objectos que lhe dizem respeito.»

Barreto Feio fez publicar a mesma carta no *Nacional*, apontando-lhe as considerações que formam agora o additamento á carta que o *Universal* primeiro publicára.

Eis-aqui as nossas declarações que damos por concluidas, e que pódem servir de luseiro hermeneutico para quem de bôa fé quizer interpetrar o que escrevemos;—para os demais abrigamo-nos detraz da cortina do incognito, e ahi os deixamos que se debatão. Nunca pugnámos contra a carta, nunca protestámos contra ella, nunca nos virão senão aonde esse estandarte se hasteou, e com tudo rejeitamos a denominação de Cartistas se para merece-la é preciso ser apologista de Costa Cabral;—se a acceitamos como sinonimo de moderados, e n'essa accepção pertence-nos.

se—rude absolutista—ou—absolutista illustrado—tudo é um inimigo declarado da liberdade, que mais por esta mais por aquella estrada terá de converter-se em miguelista, embora supponha que se dirige a outro ponto.

Assim pois classificados os partidos não só é facil explicar como a todos os homens d'um certo, e determinado programa quadra perfeitamente a denominação de Cartistas, mas ao mesmo tempo fica evidente, que uma phrase de louvor dirigida a este, ou outra de vituperio contra aquelle, não significa cousa alguma com referencia abstracta ao systema da Carta. Cartista é todo aquelle que é moderado, supposto que nem sempre seja moderado o que é Cartista. Os Avilas, por exemplo, os Castellos Brancos, e os Mousinhos protestando uns contra a Carta, e sendo outros accusados de tramarem contra ella, são mais Cartistas do que Antonio Bernardo restaurando-a. Um politico deve ser classificado mais pelo que pensa do que ainda mesmo pelo que pratica, e querer que o contrario succedesse era suppor, que cada um tinha a possibilidade de se crear a si proprio uma situação de momento. Quem não reconhece que é esta uma condição da vida publica, ou é miope ou estulto.

Quanto á segunda declaração, o que temos a dizer é mais simples. Alguma vez o fio dos successos nos levou a confundir o homem com o facto, e a parecer, que por isso os pertendiamos victimar conjunctamente;—nunca tal foi nosso intento. Stigmatisamos Antonio Bernardo porque foi desleal aos collegas de 11 de junho, porque o levou a isso a ambição, e porque tacitamente illudido os que o auxiliavam no movimento revolucionario, porém nunca porque tomou a iniciativa na restauração. Podem perguntar-nos é verdade, se julgavamos que ella fosse precisa?—respondemos que não;—se depois de começada cumpria a todos os Cartistas seguia-la? dizemos que sim na generalidade, e que não em certas especialidades;—se hoje que está concluida convém apoia-la, e defende-la?—declaramos terminantemente que sim, e que quem pertender fazer o contrario arrisca-se a ser causador de grandes cathastrophes para o paiz.

COSTA CABRAL EM RELEVO

OU

MEMORIA BIOGRAPHICA D'ESTE MINISTRO PARA SERVIR D'AUXILIAR Á HISTORIA DO DIA

A bas l'ambitreux! a bas le dictateur!
Hist. Pitt. de la Convent. de F.

2.ª Edição

COIMBRA
TYPOGRAPHIA DA OPPOSIÇÃO NACIONAL
Rua do Coruche, n.° 1
1844